

Título

“Acredito que para os jogadores o mais importante é mesmo ganhar, ganhar, estar em primeiro”. A formação do carácter no Futebol jovem

Pseudónimo: João Zagalo Ávila

ÍNDICE

PRÓLOGO	1
CAPÍTULO 1	5
INTRODUÇÃO	5
CAPÍTULO 2	11
O CONTEXTO DO CLUBE NA PRÁTICA DESPORTIVA.....	11
INTRODUÇÃO	11
METODOLOGIA	14
DISCUSSÃO	22
CAPÍTULO 3	29
EFEITOS DA IDADE E DO ENVOLVIMENTO NO FUTEBOL JOVEM NAS COMPETÊNCIAS PESSOAIS	29
INTRODUÇÃO	29
METODOLOGIA.....	34
RESULTADOS	35
DISCUSSÃO	42
CONCLUSÃO	48
CAPITULO 4	50
OS EFEITOS DOS CONTEXTOS NO DESENVOLVIMENTO DE VALORES E ATITUDES SOCIAIS DE JOVENS FUTEBOLISTAS.....	50
INTRODUÇÃO	50
METODOLOGIA.....	53
RESULTADOS	55
DISCUSSÃO	60
CONCLUSÃO	65
CAPÍTULO 5	67
CONCLUSÕES GERAIS E SUGESTÕES PARA O FUTURO	67
REFERÊNCIAS.....	71

PRÓLOGO

No período de infância e adolescência os indivíduos estão mais predispostos a serem influenciados, ocorrendo nestas fases do ciclo de vida uma maior incidência do processo de educação dos jovens. Existe, por isso, o intuito de proporcionar à maioria da população a prática desportiva enquanto factor de desenvolvimento social, individual e da comunidade. No entanto, a crença de que o Desporto por si só “faz bem” e é “positivo para o desenvolvimento” poderá não ser completamente verdadeira.

Na actualidade, o Desporto de Alto Rendimento tem uma enorme relevância económica, reflectindo-se a nível pessoal e institucional, público ou privado. O destaque dado ao desporto profissional pelos meios comunicação revela cada vez mais casos e escândalos de violência, corrupção, ligações políticas, negócios ligados ao desporto que são de interesse e de apreciação da sociedade em geral (Brettschneider, 2001).

As questões éticas na prática desportiva são inerentes à própria existência da prática desportiva, uma vez que esta providencia tentações para adopção de determinados comportamentos e atitudes para ganhar vantagem. A visão do desporto como meio de educação e formação moral constitui a base das propostas teóricas do Olimpismo de Pierre Coubertein, com a intenção de aliar “o desporto com a cultura e a educação, o Olimpismo propõe-se criar um estilo de vida baseado na alegria do esforço, no valor educativo do bom exemplo e respeito pelos princípios éticos fundamentais universais.” (Carta Olímpica Internacional, pg. 5).

As alterações sociais no decorrer do último século, com especial atenção nos últimos 40 anos, reflectiram-se no desporto com um aumento desmesurado da sua importância económica e de globalização. A busca de lazer e de “corpo activo” vem colocar questões éticas novas e complexas. Como é o caso da perspectiva de elite que, ao ser utilizada na base desportiva, vai-se reger por variáveis como a fidelidade a uma modalidade desportiva, os valores de afiliação ao grupo e respeito pelas regras formais e informais, que se subvertidos podem gerar uma cultura desportiva contrária aos princípios éticos que a fundamentam.

A verificação de valores negativos associados ao desporto, principalmente no profissional, tem levado alguns especialistas a propor uma adopção de modelos desportivos menos centrados na competição e mais voltados para a educação (Shields & Bredemeier, 2009). Os valores da prática desportiva orientada pelo modelo competitivo actual e, as

aspirações e tendências manifestadas pelos atletas, provocam algumas dúvidas aos agentes desportivos, treinadores e pais (Brustrad & Partridge, 2002).

Ao assumirmos que o Desporto “faz bem” também deveremos aceitar a ideia de este pode “fazer mal”, pelo que se revela necessário aprofundar o conhecimento da realidade sobre os efeitos do Desporto no atleta. As percepções e crenças dos jovens praticantes, das suas famílias, dos treinadores e dirigentes desportivos são importantes para obter uma melhor perspectiva da realidade.

Os jovens aprendem e adquirem atitudes e valores observando, experimentando e interagindo com outros, por isso coloca-se a que questão “Será que aquilo que os atletas veem no contexto desportivo é positivo?”. Se, por um lado, estes veem os grandes atletas e identificando-se com eles e almejando ser como eles, também os veem a cometer actos negativos, de violência, desrespeito pelos adversários e árbitros, e a recorrerem a meios impróprios para se alcançar a vitória.

O aumento da profissionalização do contexto desportivo, o ênfase na vitória enquanto modo de afirmação pessoal, a indiferenciação de valores e atitudes entre o desporto para jovens, o desporto para adultos e o desporto de elite têm contribuído para a deterioração e desvalorização do Desporto enquanto meio de educação moral e social (C. Gonçalves, 1998).

Parece-nos que a ética no desporto e os seus conflitos, designadamente, a quebra dos seus princípios, não será dissociada das mudanças de valores das sociedades e das comunidades onde o processo desportivo se desenrola. Apesar não sabermos quais serão as transformações futuras da sociedade, cada vez mais tecnológica e individualizada, podemos agir para manter os princípios base da ética na moralidade do funcionamento em comunidade e da prática desportiva, nas sociedades ditas desenvolvidas.

O presente trabalho expõe um grupo de estudos efectuados com o intuito inicial de apresentação em ambiente académico. Logicamente que isto se reflecte na sua particular formatação e regras de estilo, na pretensão de responder às exigências das revistas científicas. Parte deste material já foi objecto de publicação em Inglês, enquanto outra parte está sob o processo de revisão em revistas científicas em Inglês. Deste modo, apresenta-se aqui a primeira agregação dos estudos efectuados no âmbito da tese de Doutoramento, partindo da questão:

“Quais as influências de diferentes contextos de prática no desenvolvimento positivo dos jovens futebolistas?”

Pretende-se abordar de uma perspectiva ecológica o impacto do envolvimento no futebol jovem, enquanto modalidade desportiva, organizada e prolongada ao longo do tempo, no desenvolvimento do jovem atleta. A conjugação destes três trabalhos, que foram realizados de modo parcelar, fundamentam-se numa linha orientadora do estudo dos efeitos do contexto no desenvolvimento do jovem. Na realidade, a multiplicidade de variáveis que afectam o jovem no seu processo de desenvolvimento coloca a necessidade dos investigadores, aquando do projecto dos estudos científicos, restringirem o número de variáveis a observar. Esta limitação coloca-se ainda mais aquando da realização de um projecto de investigação no âmbito do Curso de Doutoramento em Ciências do Desporto.

A metodologia a que recorreremos foi mista. O uso das duas metodologias combinadas permite que se complementem perspectivas, se conjuguem e analisem conclusões, triangulando até posições. Espera-se, com isso, a obtenção de uma maior riqueza de dados, resultados, análises e conclusões. Assim, por um lado, recorreu-se há metodologia qualitativa, o que exige um dispêndio superior para recolha, tratamento e análise dos dados, colocando dificuldades em compatibilizar este novo conhecimento com a velocidade de disseminação do conhecimento e informação nos tempos actuais. No entanto, esta permite respeitar as especificidades de cada caso e ao mesmo tempo explorar os significados particulares que são produzidos. Por outro lado, recorreu-se à metodologia quantitativa por forma a obterem-se dados e resultados generalizáveis e comparáveis, fugindo um pouco às particularidades. O facto dos instrumentos quantitativos, em especial dois dos instrumentos psicométricos utilizados, terem as suas origens em países anglo-saxónicos levantou-nos problemas de validação e apresentavam algumas variáveis pouco relevantes no nosso país.

Ao longo dos três capítulos deste trabalho sobre as influências contextuais no desenvolvimento de atitudes e valores positivos e pró-sociais pelo desporto, apresenta-se no Capítulo 1 uma abordagem à teoria ecológica de desenvolvimento humano que fundamenta e sustenta a linha orientadora da presente investigação. No âmbito do contexto desportivo os jovens atletas relacionam-se com diversas pessoas, pelo que é necessário ter consciência da das características dos contextos e, conseqüentemente, dos indivíduos, se tencionamos fornecer desporto como meio pedagógico. No Capítulo 2 é apresentada uma análise da cultura e funcionamento de três clubes de contextos diferentes com escalões de formação. Os distintos níveis de competição das equipas, profissional e amador, e as diferenças demográficas dos locais de acção dos clubes são factores que constroem o modo de actuação e a cultura dos clubes desportivos. O Capítulo 3 prende-se com a análise dos efeitos da idade e do envolvimento no decorrer de uma época de futebol nos Activos de desenvolvimento,

Fontes de satisfação e Atitudes no desporto jovem. Enquanto o Capítulo 4, vai um pouco mais longe na análise dos factores que influenciam o desenvolvimento do jovem atleta, considerando a percepção destes sob os Activos de desenvolvimento, Fontes de satisfação e Atitudes desportivas no decorrer das suas experiências enquanto jovens atletas nos diferentes contextos de prática desportiva analisados. Deliberadamente, o Capítulo 5 encerra os estudos, agregando um conjunto de conclusões gerais retiradas pela triangulação efectuada aos estudos apresentados e, conseqüentemente, possíveis orientações para trabalhos futuros com o intuito de melhorar a prática desportiva do jovem atleta, potenciando o seu desenvolvimento enquanto indivíduo e membro da sociedade.

As dinâmicas ecológicas perfilam-se cada vez mais como uma influente abordagem teórica sugerindo que os atletas, enquanto indivíduos, e as equipas desportivas podem ser modelados como sistemas sociais complexos que são, por inerência, não-determinísticos e, como tal, os seus resultados não são completamente previsíveis. As interações a nível pessoal e de equipa não são muitas vezes coordenadas e tanto as fontes de informação como os canais de comunicação à disposição de cada membro da equipa são diferentes, não se situam no mesmo plano e são usadas de modos por vezes contraditórios. Neste sentido, dizer que a formação do carácter é imanente à prática desportiva, abstraindo-nos da complexidade do sistema, é apenas uma declaração de potencial.

A ênfase dada à ecologia de prática provém da constatação de que o contexto de treino e competição é o meio pelo qual os atletas têm contacto com a ética no desporto, e que as suas vivências no desporto podem influenciar as suas decisões e comportamentos neste contexto e, conseqüentemente, na sua vida quando para ela transferem as aprendizagens.

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

O envolvimento na prática desportiva por parte dos indivíduos tem vindo a ser associado a benefícios físicos, sociais e psicológicos. No entanto a prática desportiva pelos atletas não significa *per si* a obtenção e desenvolvimento de valores e atitudes positivas. Neste sentido, há uma preocupação com a implementação e funcionamento dos programas desportivos e os seus efeitos nos indivíduos, principalmente, nos jovens atletas. As relações que os atletas estabelecem entre os diversos indivíduos do contexto desportivo (treinadores, colegas, dirigentes) têm um papel importante nas experiências desportivas destes, influenciando o seu desenvolvimento. A questão dos efeitos do envolvimento desportivo nos jovens é mais relevante, uma vez que são idades de maior incidência de desenvolvimento biológico, psicológico e social.

Em Portugal, à imagem de outros países Europeus, o Futebol é a modalidade que apresenta o maior número de praticantes (n=153.882) e clubes (n=11.570) (Instituto Nacional de Estatística, 2011). Pela significância que esta modalidade tem na contribuição para a prática desportiva, em Portugal, é de todo o interesse analisar os efeitos do envolvimento neste desporto nos jovens atletas, para verificar e compreender os fenómenos que contribuem para o seu desenvolvimento. Na actualidade, pela importância económica o desporto ganhou outra dimensão, principalmente, o desporto de rendimento, aumentando-se a necessidade de processos de especialização de atletas para alimentar este mercado.

Dizer-se que “não há especialização sem formação”, assim, de um modo simplista e linear suscita variadíssimos problemas (Gonçalves, 1998). Considera-se que no processo desportivo o objectivo final é a especialização, com vista ao alto rendimento. Contudo, a maioria dos praticantes não têm capacidades para atingir este fim, não conseguindo aceder à última das quatro etapas, que corresponde a um treino específico intensivo. Neste processo desportivo e de desenvolvimento do jovem indivíduo os pais e professores influenciam-no numa primeira fase, e numa segunda os treinadores, pares e dirigentes são fontes de influências, assumindo características decisivas no desenvolvimento e na qualidade do mesmo. Os pais são um agente determinante na aquisição de competências sociais pelo jovem, constituindo-se, numa fase inicial da vida deste, como responsáveis e promotores do seu desenvolvimento. Muitas vezes é através dos pais que as crianças e jovens chegam ao desporto. Por outro lado, também, é comum a adesão ao desporto pela mão de companheiros

de escola ou vizinhos, isto é, por influencia dos pares (especialmente na puberdade e adolescência).

A visão da Educação pelo Desporto deve perspectivar este contexto como meio para os jovens realizarem enquanto pessoas desportivas literadas (alguém que entre e valoriza as regras, as tradições no desporto e as actividades, distinguindo o bem do mal no decorrer dessas actividades) e desenvolver comportamentos que se coadunem com os princípios éticos (Harvey, Kirk, & O'Donovan, 2011).

O presente estudo fundamenta-se na teoria do desenvolvimento humano de Bronfenbrenner (1999), que utiliza ao modelo Pessoa-Processo-Contexto-Tempo. Esta teoria ecológica de desenvolvimento humano atribui importância às características do indivíduo (e.g., género, etnia, cor da pele, valores, expectativas), ao processo, aos contextos e ao tempo histórico em que o envolvimento desportivo ocorre, bem como, às interações que ocorrem entre todos esses aspectos.

Relativamente à pessoa é conhecido que as suas características influenciam as suas vivências no desporto, como é o caso dos efeitos relativos da idade, as diferenças de sexo (Coatsworth & Conroy, 2006; Carlos E. Gonçalves, Coelho e Silva, & Cruz, 2007; Ministère de La Jeunesse, 2004),

O *Processo*, também denominado de *Processos Proximais*, é definido como as ligações entre os diferentes níveis e é constituído pelos papéis e actividades diárias do indivíduo. O indivíduo para se desenvolver intelectual, emocional, social e moralmente, é requerido que este tenha uma participação activa, com uma interacção progressivamente cada vez mais complexa e recíproca com pessoas, objectos e símbolos no ambiente imediato. Esta interacção para ser efectiva terá que ocorrer regularmente num período tempo prolongado (e.g., uma época desportiva). São exemplos de padrões duradouros destes processos: ler, aprender habilidades novas, resolver problemas, executar tarefas complexas (Bronfenbrenner & Ceci, 1994). O desporto apresenta situações disposicionais para que alguns destes padrões sejam adquiridos.

O conceito de *Contexto* é referente ao meio ambiente em que o indivíduo está inserido e onde se desenrolam os processos. Este está subdividido em Microsistema, Mesosistema, Exosistema, Macrosistema. Os diferentes contextos abrangem ambientes mais imediatos (microsistema) nos quais vive a pessoa em desenvolvimento, como os mais remotos (macrosistema), em que a pessoa nunca esteve, mas que se relacionam e têm o poder de influenciar o desenvolvimento humano (Bronfenbrenner, 1999).

No Microsistema inserem-se um conjunto de actividades, papéis e relações interpessoais que o indivíduo experimenta no local onde funcionam, isto é, por exemplo no

contexto do desporto: as relações entre colegas, entre os adultos do clube, capacidade do indivíduo enfrentar os problemas neste contexto, entre outros. Porém, se nos referirmos ao contexto casa, pode ser referente às relações entre os pais e destes com a criança, entre os irmãos.

Enquanto, o Mesossistema integra as interações entre dois ou mais contextos, nos quais o indivíduo tem um papel activo (e.g., interações entre casa e um programa desportivo, casa e os serviços comunitários, relações pais/educadores e família/comunidade). As interações nos subsistemas do Mesossistema têm reflexo imediato nos resultados da criança. A influência do estatuto sócio-económico da família do jovem em desenvolvimento na educação e na prática desportiva tem vindo a ser alvo de diversos estudos. O Ministério da Juventude Francês (Ministère de La Jeunesse, 2004) verificou que com o aumento da remuneração mensal e do grau de formação dos pais tem uma relação positiva com o aumento da prática desportiva, com excepção para alguns desportos, designadamente, o atletismo e desportos com bola: rugby, basquetebol e futebol. Estes desportos colectivos com bola são muito praticados por indivíduos de estratos sócio-económico mais baixos.

O Exossistema é referente aos contextos nos quais o indivíduo não se encontra directamente imiscuído mas os acontecimentos deste sistema afectam ou são afectados pelo que acontece nos outros. Por exemplo, o local de trabalho dos pais pode levar a que um dos pais tenha que abdicar do sucesso na carreira para despender mais tempo com o filho, podendo repercutir-se no bem-estar do sujeito e conseqüentemente no jovem em desenvolvimento. Outro exemplo é o facto de a mãe ser despromovida ou despedida ou ter um aumento do horário de trabalho podem reflectir-se economicamente e/ou no tempo dispendido na criança, podendo dificultar o pagamento de mensalidade, transporte ou equipamento desportivo. Muitos jovens têm que desistir do desporto quando não têm capacidade financeira para tal, devido às limitações das remunerações dos pais e às exigências do envolvimento nos programas desportivos (Ministère de La Jeunesse, 2004).

O Macrossistema é referente aos valores e crenças socioculturais onde todos os outros sistemas se inserem, isto é, um conjunto de factores sociais que influem de maneira menos visível nos sistemas e subsistemas. Exemplo, a maneira como uma sociedade vê o desporto, como respeita os indivíduos de diferentes estatutos sócio-económicos, etnias, modalidades ou clubes, e se os seus valores influem na educação e desenvolvimento do jovem, na forma como a família lida com os seus problemas, os apoios e exigências às organizações desportivas.

Relativamente, ao conceito Tempo ou Cronossistema, este é entendido como o desenvolvimento no sentido histórico ou, em outras palavras, como ocorrem as mudanças nos eventos no decorrer do tempo devido às disposições sofridas pela pessoa em

desenvolvimento. Bronfenbrenner e Morris (1998) referem que eventos históricos podem alterar o curso do desenvolvimento, em qualquer direcção, não só para indivíduos mas também em segmentos grandes da população, podendo ter efeitos profundos nas sociedades. Pequenos episódios da vida familiar, como a entrada da criança no desporto, na escola, o nascimento de um irmão ou a mudança da situação laboral dos pais, podem influenciar significativamente o desenvolvimento das pessoas da família num dado momento das suas vidas. Outro exemplo da influência do cronossistema nas culturas é o modelo de educação na década de 50, 90 e na actualidade que são diferentes, apresentando aos indivíduos disposições distintas. O modelo PPCT é considerado como apropriado para avaliar as experiências desportivas dos jovens atletas e os seus efeitos (Araújo & Davids, 2009; Bengoechea & Johnson, 2001; Holt, 2008; Krebs et al., 2011; Strachan, 2008).

O desporto moderno é baseado em princípios éticos universais, e aos indivíduos envolvidos no desporto é esperado que se rejam por valores de *fair-play* (Boixadós, Cruz, Torregrosa, & Valiente, 2004) e *sportspersonship* (Vallerand, R., Briere, N., Blanchard, C., Provencher, 1997), de respeito pelas regras e adversários. Bem como, que desenvolvam de modo harmonioso as suas competências e capacidades físicas, sociais e psicológicas.

No entanto, o Desporto não possui significado moral intrínseco, com o seu impacto a variar de acordo com o tipo de desporto (nível de contacto, individual ou colectivo), a qualidade e o estilo de treino (Shields, Bredemeier, & Power, 2002). Bredemeier e Shields (1986) concluíram que os níveis de juízo moral dos atletas eram mais baixos do que os dos seus pares não praticantes de desporto. Já Stephens (2000) refere que a aceitação para fazer batota está associada, entre outras variáveis, à permanência na mesma equipa. Isto reflecte que as equipas de crianças e jovens além de serem grupos com o interesse comum na prática desportiva, são “comunidades morais” (Bredemeier, 1999).

A perspectiva estruturalista, ou matriz teórica cognitivo-desenvolvimentalista desenvolvida por Kohlberg (1984) concebe o desenvolvimento moral, pessoal e social, de modo hierárquico, em estádios que vão da anomalia moral à moralidade pós-convencional. Esta abordagem teórica serviu de base para os estudos de Shields e Bredemeier. A teoria da aprendizagem social (Bandura, 1977) perspectiva a psicologia da moralidade na descrição de comportamentos morais, de indivíduos e sociedades, do que é considerado socialmente positivo ou negativo, através do condicionamento das suas condutas com o propósito do que é socialmente desejável.

Os valores éticos de aperfeiçoamento através do esforço, da perseverança e espírito de equipa, com motivos de participação de cariz socio-afectivo têm vindo a ser desconsiderados pelos jovens (Coelho e Silva & Malina, 2004) e têm repercussões no abandono desportivo. Os valores e atitudes adquiridos e aplicados no contexto desportivo podem ser transferidos para os outros contextos (Shields & Bredemeier, 2009). Um atleta que considere aceitável enganar ou iludir o árbitro para obter uma acção ou momento favorável à sua equipa, poderá vir a considerar como admissível dissimular as suas acções perante as autoridades (e.g., não passar facturas ou declarar os rendimentos reais).

As descobertas de Bandura relativamente ao desenvolvimento moral através do processo de aprendizagem social apresentam-se em consonância com a opinião de muitos treinadores e jogadores que acreditam que o contexto desportivo, o processo de competição é um bom meio para aliviar a pressão e libertar a agressividade do sistema social (Cashmore, 2005). Os espectadores esperam dos atletas um comportamento agressivo e duro dentro dos limites das regras e leis do desporto, que apesar de não ser considerado violenta ou ilegal, está muito relacionado com estas acções, e contrariando os princípios éticos do desporto. Foi com base nestes valores e acções negativas que Lee (1996) definiu o anti-desportivismo.

O processo de treino e competição desportiva apresentam uma dimensão ética, uma vez que estão orientados para a formação do sujeito para a vida, de modo complementar e paralelo ao da escolaridade. Os atletas ao serem orientados para a tomada de decisões morais consideradas correctas coloca em discussão se o facto de alguns indivíduos revelarem níveis de juízo moral superior se tal se pode traduzir num comportamento moral semelhante no decorrer do processo de treino e competição. Outro tópico em discussão suscitado é relativo ao caso das decisões dos atletas se enquadrarem nas condições ecológicas de funcionamento da organização ou do grupo, das expectativas morais do treinador ou de outros aspectos inesperados providenciados pela prática (e.g., comportamentos do adversário, público e árbitros, resultados).

Os clubes e/ou associações desportivas e recreativas desempenham um papel fulcral para a prática de desporto, uma vez que é, essencialmente, através destes que as pessoas têm acesso à prática desportiva, ficando outra franja da população sujeita à oferta por parte de entidades privadas fornecedoras de desporto (e.g., ginásios). O modo como o processo de treino e competição se desenrola nos clubes está estrangido por variáveis relacionadas com os sujeitos (e.g., características do treinador e atletas) e com os contextos (e.g., cultura do clube e demografia). A primazia do desporto de rendimento nos contextos de prática

desportiva, reflectida em más práticas ou maus climas de treino e de competição ou por incorrecta gestão das etapas de formação, causa receios sobre a ética no Desporto. Nesta voragem de rendimento desportivo e educação pelo desporto, a investigação científica nas Ciências do Desporto representa uma contribuição para o indispensável conhecimento do que acontece na realidade e para a sua transformação.

A presente investigação ao fundamentar-se numa teoria ecológica revela-se promissora de produção de novo conhecimento na área das Ciências do Desporto com preocupação do processo de desenvolvimento do atleta enquanto indivíduo. Para tal, recorreu-se à metodologia qualitativa para analisar a cultura e funcionamento dos clubes, apesar de se apresentar como um processo moroso, apresenta a potencialidade de estudar as relações sociais, as percepções dos indivíduos e o que acontece na prática. Com o intuito de obter dados relativos à percepção dos atletas dos clubes analisados, utilizou-se uma metodologia quantitativa, possibilitando a abrangência de um número elevado de atletas e a análise direta dos dados.

CAPÍTULO 2

O CONTEXTO DO CLUBE NA PRÁTICA DESPORTIVA

INTRODUÇÃO

A sociedade tem atribuído uma nova dimensão à atividade física e ao desporto, principalmente no que respeita à promoção da saúde e geração de valores importantes (e.g., desportivismo), com o intuito de contribuir para o desenvolvimento pessoal e comunitário. No entanto, há que ter em conta as especificidades culturais e contextuais das organizações desportivas onde o indivíduo está inserido. As organizações desportivas, mais especificamente os clubes desportivos, têm singularidades no seu funcionamento e acarretam algumas dificuldades na implementação de políticas generalistas (Comissão das Comunidades Europeias, 2007).

Segundo Gómez, Opazo e Martí (2007) as organizações podem ser classificadas em três tipos, de acordo com as suas finalidades: corpos governativos desportivos, organizações de eventos desportivos e entidades fornecedoras de desporto. Nos corpos governativos desportivos incluem-se as macroestruturas federativas (e.g., Federação Portuguesa de Futebol), as quais têm funções de regulamentação, organização e coordenação das respetivas modalidades (Enjolras, 2002). Estas organizações sustentam-se em estruturas organizacionais com carácter regional (e.g., associações distritais/regionais), que por sua vez se sustentam nas entidades fornecedoras de desporto. As últimas são na sua maioria clubes desportivos, os quais possibilitam a prática desportiva e outras formas de ligação ao desporto por parte dos indivíduos, como por exemplo atletas, treinadores e dirigentes. No decorrer do presente trabalho iremos referir-nos às entidades fornecedoras de desporto enquanto clubes, facilitando a leitura e a compreensão deste, ao mesmo tempo, que se é mais específico no estilo de entidade.

A análise dos clubes sustentados no voluntário ganha maior relevância quando se refere que este é o maior setor de trabalho voluntário e tem um grande impacto na economia de um país (Australian Bureau of Statistics, 2012). No caso português, o futebol é a modalidade com maior número de atletas e clubes. Além disso, esta modalidade é aquela que mais potencia a profissionalização do atleta. No entanto, são escassos os dados relativos ao tipo de envolvimento desportivo, quer enquanto colaboradores ou atletas, e quais as relações e as dificuldades que os clubes Portugueses têm no desenvolvimento da sua atividade.

Nas últimas décadas verificou-se uma mudança no paradigma de gestão no desporto que levou ao desenvolvimento da estrutura e cultura organizacional. Com a integração de pessoal mais especializado nas estruturas dos clubes, principalmente nos clubes amadores, a estrutura organizacional destes é alterada (Gómez, Opazo, & Martí, 2007; Nichols & James, 2008; Thibault, Slack, & Hinings, 1991). No caso Português poder-se-á referir que estes são um fruto do processo educativo do nosso país, no que refere à formação de treinadores e de pessoal na área das Ciências do Desporto e Educação Física. Se em algumas situações este pessoal especializado é remunerado, noutras contribuem voluntariamente para o funcionamento da organização. Contudo, o indivíduo com a sua especialização contribui para um aumento da formalização do funcionamento organizacional. Um treinador com formação na áreas das Ciências do Desporto e Educação tendem a levar o conhecimento e comportamentos adquiridos através da sua formação para o contexto de prática, como é o exemplo, do registo de presenças dos atletas e programas de treino.

O crescimento em tamanho da organização é outro fator de desenvolvimento da estrutura organizacional é, essencialmente pelo número de membro e praticantes (Papadimitriou, 2002). Isto leva-nos a considerar que um clube com maior dimensão, com mais modalidades e/ou equipas, e conseqüentemente, mais membros e atividades deverá revelar uma estrutura mais complexa, mais formal e com delegação de competências, quando comparado com um clube de menor dimensão e complexidade, como é o caso dos clubes amadores. Neste sentido, os clubes que integram as ligas profissionais devem apresentar uma estrutura organizacional diferente das dos clubes amadores.

A preocupação com a promoção dos níveis de actividade física dos jovens não é indissociável da necessidade de recursos humanos para que tal se proporcione. Para aumentar os níveis de participação no desporto organizado existe uma dependência do aumento do voluntariado, para organizar, gerir e praticar desporto (Cuskelly, 2004). Uma vez que a maioria dos jovens detêm pouca autonomia e competências para desenvolver funções de gestão dos clubes, é importante que os adultos se disponibilizem a exercer tais funções (e.g., dirigentes, treinadores) no desporto jovem. Em estudos realizados noutros países, acerca do voluntariado nas organizações desportivas, identificaram como característica comum, os voluntários serem do sexo masculino (Sports England, 2003; Cuskelly, 2004), estarem envolvidos nestas por causa das suas crianças serem atletas (Doherty, 2006). Além de que, a sua motivação para ser voluntário no desporto são, comumente, instrumentais (e.g., adquirir mais experiência e fazer currículo) ou de altruísmo/moral (e.g., dar um retorno ao clube, ajudar a organização) (Sports England, 2003). Contudo, o envolvimento no desporto enquanto colaborador também

se reveste de fatores negativos de motivação e pressão para exercer voluntariado, como é caso do risco de colapso do clube e que não haja mais ninguém para desempenhar as funções na organização.

O funcionamento dos clubes está condicionado às características do meio onde está implementado, e estes contextos exercem influências mútuas. A promoção da actividade física dos jovens com o intuito de desenvolver competências sociais e pessoais, pode ser feita com a parceria entre os clubes e as autarquias locais. As competências sociais disruptivas, que actualmente estão agravadas por uma situação de crise financeira, como é o caso de exclusão social, comportamentos agressivos e anti-sociais, desinteresse pela escola, estão no foco das políticas nacionais e internacionais. As diferenças entre áreas urbanas e rurais (Horch, 1989), o fator da densidade demográfica (Gonçalves & Coelho e Silva, 2004), em como, as características socioculturais, políticas e económicas são fatores provenientes do meio ambiente que afetam o funcionamento da organização desportiva (Skille, 2008; Slack, 1997), e consequentemente, os indivíduos envolvidos nesta. Se por um lado a densidade demográfica (e.g., meio rural) pode afetar a capacidade de angariação de atletas para a prática desportiva, principalmente, no caso do futebol que é uma das modalidades desportivas colectivas que requer mais participantes. Por outro lado, esta pode ser um fator que limite o envolvimento de mais colaboradores voluntários no clube, por questões de concorrência de tempo com outras actividades, bem como, as várias funções a exercer. Os processos implementados pelos clubes para o fornecimento da prática desportiva podem apresentar em desvantagens educacionais, podendo advir daí risco de desenvolvimento dos jovens.

Para analisar e intervir no funcionamento das organizações desportivas, mais especificamente, nos clubes de futebol, é importante a obtenção de dados relativos ao seu funcionamento e cultura partindo de uma perspetiva analítica. Assim, é passível a identificação dos diversos fatores de influências internas (p.e., finalidades, formalização, especialização, cultura do clube, história) e externas (p.e., densidade demográfica, relações com outras entidades, políticas). E, consequentemente, poder-se-á contribuir para a melhoria no funcionamento dos clubes e a definição e implantação de políticas desportivas mais adequadas às necessidades e realidade dos clubes.

O presente estudo pretende realizar uma análise comparativa entre entidades fornecedoras de desporto (Clubes) provenientes de contextos diferentes (Profissional; Amador de meio rural e de meio urbano) com camadas jovens de futebol.

METODOLOGIA

PARTICIPANTES

Foram seleccionados três clubes com camadas jovens de futebol de contextos diferentes, pertencentes ao Distrito de Coimbra, Portugal. Um clube inscrito na Liga Portuguesa de Futebol Profissional, e dois clubes amadores de nível distrital (um de contexto urbano e outro de contexto rural).

Os contextos, rural e urbano, são definidos de acordo com o Instituto Nacional de Estatística de Portugal, em que o contexto rural entende-se por uma densidade populacional inferior a 100 habitantes por Km² e o contexto urbano é definido por uma densidade superior ao valor indicado. De modo a manter o anonimato dos clubes estes serão designados como: Clube Profissional; Clube Amador de contexto Urbano; Clube Amador de contexto Rural.

PROCEDIMENTOS

O estudo foi aprovado pela Comissão de Ética da instituição dos investigadores. Os dirigentes foram contactados e deram autorização para participar no estudo. As entrevistas semiestruturadas decorreram nas instalações do clube, num gabinete, procedendo-se ao registo áudio. Estas foram precedidas por uma visita guiada às instalações do clube, registando-se as observações de campo no respectivo diário. A recolha de dados contou em todos os momentos com uma especialista da área das Ciências da Educação e com o investigador principal.

COLETA DE DADOS

Procedeu-se ao diagnóstico dos clubes numa perspetiva da teoria organizacional com base no modelo analítico apresentado por Ferreira e Martinez (2008), recorrendo ao método de observação participante, combinando a observação directa (infraestruturas, modelo de organização, discurso), análise documental (estatutos, regulamentos e comunicados disponibilizados) e a entrevistas semiestruturadas a dirigentes do clube (há pelo menos 2 anos). Este processo metodológico seguiu as orientações referidas por Flick (2002).

ANÁLISE DOS DADOS

Os dados recolhidos na entrevista semi-estruturada foram transcritos *verbatim* para texto e, posteriormente, submetidos à análise de conteúdo, através da organização e codificação dos dados em blocos temáticos comuns e das categorias: influências internas

(gestão e planeamento, abordagens das relações humanas, eficácia organizacional, liderança, cultura organizacional) e influências externas (resistências e influências). Os resultados obtidos da análise de cada clube foram posteriormente comparados com os dos outros clubes.

RESULTADOS

O clube profissional apresenta-se como o mais antigo (datando a sua fundação em 1876), comparativamente, ao clube amador de contexto rural (1940) e ao clube amador de contexto urbano (1964). Com recurso ao método de observação constatamos que o clube profissional tem uma academia de futebol, construída de raiz, com dois campos de relva sintética e um de relva natural. Além disso, a equipa profissional utiliza o estádio municipal para os jogos na sua competição. As equipas dos escalões de formação também costumam utilizar campos de outros clubes da zona enquanto visitados. Nas infraestruturas da academia, existem espaços destinados a funcionalidades específicas, como é caso da sala de musculação, de fisioterapia, quartos, refeitório, sala imprensa, sala de análise de jogos. A sala de musculação encontra-se disponível para os atletas dos escalões de formação, sob orientação de um especialista.

Nos clubes amadores as infraestruturas indiciam que foram alteradas e adaptadas ao longo da vida do clube, consoante as possibilidades financeiras e materiais às necessidades surgidas no clube. No caso específico do clube amador de contexto rural, este apresenta um campo de terra batida e três vestiários. O clube amador de contexto urbano apresenta um campo de relva sintética, 5 vestiários, uma sala para fisioterapia. Estes dois clubes também apresentam uma sala para a direcção e um bar.

Na entrevista semi-estruturada ao Coordenador Técnico do Departamento Juvenil, do clube profissional, podemos afirmar que o rendimento desportivo é o fim primário, tendo em conta o número de referências aos outros fins de carácter sociocultural e educativo da organização, os quais estão espelhados nos estatutos do clube.

Coordenador Técnico do Departamento Juvenil – Clube Profissional

“Agora a nossa principal missão é o quê, formar com qualidade para levar atletas para a equipe principal.” “Tentar vencer as séries. Depois. Tentar chegar às fases finais e ser os campeões a nível do distrito”.

Verificou-se ainda que, o clube profissional detém relações com os colaboradores de poder misto (remunerativo e normativo). Neste clube existem trabalhadores profissionais, com

vínculo laboral (e.g., jogadores profissionais, roupeiros, treinador equipa sénior) e colaboradores voluntários (e.g, treinadores dos escalões de formação, *team manager*), os quais se mantém ligados por fatores instrumentais (enriquecimento do currículo) e/ou recompensas monetárias (não são consideradas como remuneração, mas sim como ajudas de custo).

Nos seus quadros de funcionamento, encontram-se profissionais e colaboradores voluntários com formação especializada. É comum recrutar colaboradores que sejam estudantes ou licenciados em Ciências do Desporto e Educação Física para desempenhar as funções de treinador, treinador adjunto, preparador físico e analista de jogos. O funcionamento do clube profissional caracteriza-se por uma média formalização, existindo manuais para os atletas e dirigentes e, relatórios de acompanhamento do desenvolvimento do jovem atleta. Denotou-se, ainda, uma composição de grupos homogêneos por departamentos, dentro da estrutura organizacional (e.g., direção, departamento médico, departamento de formação – futebol 7, futebol 11) com um grau de intimidade primário em cada grupo, mas secundário no que respeita ao relacionamento entre estes e a base de trabalho e o topo hierárquico.

Coordenador Técnico do Departamento Juvenil – Clube Profissional

[...]Em termos de estrutura há o presidente da instituição, há o vice-presidente para área da formação....E abaixo desse, sou eu, como diretor geral... Tenho uma abrangência em quase todas, os departamentos e, em tudo o que se passa relativamente ao futebol juvenil. Desde de organização do departamento, desde a parte logística. De utilização, condições, de treinadores. Gabinete de prospeção, do departamento médico, tenho um pouco de abrangência sobre, sobre essas áreas.[...]

O clube profissional utiliza uma standardização dos processos de trabalho, no que respeita à distribuição das funções estabelecidas (e.g., burocracia da equipa – ficha de jogos, inscrições, mensalidades; roupeiro; treinadores), mas revela alguma autonomia na execução das diversas funções. No caso dos treinadores o processo de treino e competição é definido por eles próprios, demonstrando autonomia na implementação e desenvolvimento do trabalho com os atletas da sua equipa. Esta descentralização horizontal e vertical tem como centro operacional o Coordenador Técnico do Departamento de Formação, constituindo uma parte chave da organização, localizando-se como elemento conector do topo (direcção) com a base (treinadores, dirigentes, atletas). Neste clube, o estilo de comunicação entre os colaboradores é misto, uma vez que se revela formal no topo hierárquico, mas essencialmente, entre os colaboradores da base da pirâmide e os elementos do topo.

Enquanto na base da pirâmide (e.g., treinadores, atletas) o estilo de comunicação é informal. Apesar da existência de formalidade na comunicação entre os diferentes colaboradores, esta pode ser realizada ascendentemente (base-topo), descendentemente (topo-base) e lateralmente (entre colegas de funções). No entanto, os sentidos de comunicação mais comuns é a comunicação lateral, nos escalões de formação e entre treinadores, e a ascendente, dos treinadores até ao diretor da formação juvenil e deste para a direcção.

As mudanças no decorrer da existência no clube profissional, nas últimas três décadas, foram de primeira ordem, planeadas e implementadas de modo incremental. O clube conseguiu responder às exigências do meio, encontrando-se numa fase de equilíbrio e estabilidade. Para os seus escalões de formação são referidas metas e objectivos gerais, com os objectivos específicos a serem estabelecidos, na sua maioria, informalmente e descentralizada para cada grupo técnico responsável por uma equipa. Apesar do clube profissional não demonstrar nenhum sistema de avaliação da concretização das metas e objectivos, os quais estão claramente orientados para o rendimento desportivo, utiliza-se os resultados obtidos no decorrer da época desportiva como dados de avaliação sobre o desempenho e alcance das metas.

É de referir que este clube apesar de ser profissional tem uma identidade e cultura peculiar no que respeita à educação e cultura, demonstrando uma ligação muito forte à Universidade e à cidade. Na entrevista também foram referidas outras influências externas, as quais se prendem com questões económicas (e.g., custos de serviços, situação da economia local e nacional) e políticas (e.g., legislação, infraestruturas desportivas).

Coordenador Técnico do Departamento de Formação – Clube Profissional

[...]Se tiverem um bom impacto na imprensa, se tivermos atletas a serem chamados à seleção...É mais fácil sensibilizar quem está no futebol profissional.[...] E a câmara apoiou, suportou todo o torneio em si... portanto, as deslocações das equipas cá. Como a estadia. [...] Também pontualmente há empresas que aqui vêm, solicitam o espaço, e utilizam esta sala. Temos protocolos com equipas, com um colégio, que vêm aqui, fazem o trabalho deles [...]

Como esperado, os clubes amadores analisados são organizações assentes na colaboração voluntária. Apesar de terem uma base formal, organizada na sua constituição e registo legal, no seu funcionamento prático estes são muito informais, apresentando um tipo de estrutura simples ou primária. O contacto entre os colaboradores da organização é informal e estes revelam características heterogêneas entre si. A inclusão dos colaboradores no clube é essencialmente feita através de laços de amizade entre os elementos. Contudo, são referidas

dificuldades em recrutar colaboradores impossibilitando a procura de indivíduos com características similares (e.g., formação, experiência) que poderiam potenciar o desenvolvimento do clube e dos jovens. Este facto é mais referido no clube amador de contexto rural, o qual está inserido num local com uma densidade demográfica menor. No caso do clube amador de contexto urbano, este estabelece critérios no recrutamento de colaboradores para treinador de futebol dos escalões de formação, como é a formação na área do desporto, da pedagogia ou com experiência desportiva no futebol.

Da entrevista semiestruturada ao presidente do clube amador de contexto rural, depreende-se que a sua finalidade prende-se com a participação desportiva dos jovens pelo seu valor social, educativo e de saúde.

Presidente do Clube amador de contexto rural

“Os adultos fiquem na melhor classificação possível. Os jovens...Que tenham um espaço e que venham jogar futebol e não estejam a fazer outras coisas. Às vezes más”

Além desta finalidade, no clube amador de contexto urbano também refere o rendimento desportivo como finalidade, apesar de se poder considerar como secundária.

Presidente do Clube amador de contexto urbano

“A finalidade, além do desporto ser o fundamental...a maior fonte de motivação acredito que para os jogadores é mesmo... ganhar, ganhar, estar em primeiro.”

Uma das diferenças entre os clubes amadores analisados é a centralização da tomada de decisão. No caso do clube amador de contexto rural existe maior centralização, com o presidente do clube a estar envolvida na maioria dos processos de tomada de decisão (e.g., aquisição de bolas, falta de equipamento, abertura das instalações), com a exceção do processo de treino e competição. Enquanto que no clube amador de contexto urbano verifica-se no discurso uma descentralização de funções de modo formal a nível horizontal (na direcção à vice-presidentes com as suas áreas) e a nível vertical (direcção, departamento de futebol – futebol adulto; futebol de formação, departamento de outros desportos).

O clube amador de contexto urbano é o clube analisado no presente estudo que mais modalidades desportivas disponibiliza, contando-se cinco: futebol, natação, *Kempo*, aeróbica, ginástica. Enquanto os outros clubes observados apenas oferecem a modalidade desportiva de futebol. O clube profissional conta com mais equipas nos escalões de formação, num total de

14, quando comparamos com as equipas de futebol dos escalões de formação dos clubes amadores, que apresentam ambos 6 equipas.

Os Clubes Amadores analisados demonstram uma comunicação organizacional informal entre os seus colaboradores, com esta a ser realizada em todos os sentidos (ascendente, descendente e lateral) existindo facilidade dos atletas e treinadores interpelarem o topo hierárquico, uma vez que estas organizações compreendem apenas dois níveis estruturais, tendo uma menor complexidade e burocracia. Os objetivos financeiros e algumas metas a médio e longo prazo nos clubes amadores são definidas de modo informal, pouco ou nada apurados numa formalização que possibilite a correta avaliação da sua execução no decorrer do tempo. Estes demonstram uma inexistência de um processo de avaliação do trabalho realizado pela organização, pelos colaboradores e dos contributos que o serviço prestado tem nos jovens praticantes.

Presidente do Clube Amador de contexto Urbano

“Sim, fazemos. Sempre mais para o final...Sempre no final de cada época fazemos um balanço. E depois, aí., no início, damos...quais são as ideias gerais, os objetivos que pretendíamos...”

Presidente do Clube Amador de contexto Rural

“Não há aqui nenhuma (sorriso)... não acabam por ser muitos. Mas também, com os treinadores e todo isso. Não há avaliação, nem nada.”

Nestes clubes amadores a mudança organizacional tem sido alcançada através de alterações de pequeno alcance, isto é, de primeira ordem, consoante as exigências limite do momento, bem como, das restrições existentes. Estas demonstram fraca estabilidade, principalmente financeira, devido às exigências económicas actuais, necessidades de investimento para potenciar a oferta desportiva e falta de planeamento a longo prazo. Os Clubes Amadores referem influências externas sociais (e.g., envolvimento da comunidade no clube e nas suas actividades), políticas (e.g., apoios Municipais em infraestruturas ou monetários), culturais (e.g., a cultura da comunidade local e os interesses divergentes da população) e económicas (e.g., situação financeira de patrocinadores, famílias).

Porém, a Presidente do Clube Amador de contexto Urbano refere que tem vindo a sentir um aumento do número de sujeitos a aderir nos seus serviços desportivos mas, ao mesmo tempo, sente uma diminuição do envolvimento desportivo no clube em cargos de

gestão ou outras funções de colaboração. Mais preocupante é o facto do Presidente do Clube Amador de contexto Rural referir que verifica uma diminuição nos dois tipos de envolvimento no clube, isto é, de atletas e dirigentes. Relativamente às influências externas de carácter político o Clube Amador de contexto Urbano demonstra sinergias com a autarquia e com outras instituições governamentais para a construção e utilização de diferentes espaços desportivos, como é o caso do relvado sintético e das piscinas, e obtenção de apoios monetários.

Presidente do Clube Amador de contexto Urbano

[...] este terreno é um terreno da junta de freguesia, não é nosso. Tá cedido ao clube por 50 anos. Por 50 não, por 100... O sintético foi oferecido pela Câmara Municipal... Depois as outras instalações que utilizamos, são as piscinas... que é propriedade da Câmara. Que... nós temos concessão de espaço[...]

O Clube Amador de contexto Rural demonstra uma maior dependência financeira externa, recorrendo aos apoios monetários Municipais para despesas correntes (e.g., transportes, água, luz, gás) e a patrocínios de outras entidades. O próprio clube não demonstra uma estratégia e planificação para o seu desenvolvimento a longo prazo, apresentando algumas linhas orientadoras definidas de forma informal para o período de um mandato no clube (2 anos). Esta falta de planificação também é reflectida pela falta de articulação com a autarquia no que respeita aos apoios e protocolos com o Município, uma vez que os apoios são cedidos irregularmente ao longo do tempo e não existem protocolos para utilização de espaços desportivos ou com vista à promoção da actividade física. Neste sentido, o Clube Amador de contexto Rural está limitado, em termos de infraestruturas, ao seu campo de futebol, sem no entanto poder proceder à utilização e/ou exploração de outros espaços existentes na localidade (piscina, pavilhão gimnodesportivo, court de ténis). O apoio prestado pelo Município do Clube Amador de contexto Rural tem vindo a ser diminuído ao longo dos anos devido à ultrapassagem do limite de endividamento permitido por Lei da Câmara Municipal, que neste período de crise, levando a cortes sucessivos, ano após ano.

No que respeita a outras influências políticas referidas pelos presidentes dos Clubes Amadores estão relacionadas com a legislação referente ao desporto, bem como os regulamentos e regras provenientes da Federação e da Associação de Futebol Distrital. Uma das dificuldades sentidas pelos presidentes dos Clubes Amadores é o dever de cumprir determinadas obrigações financeiras para com a Associação de Futebol Distrital (taxas de jogos, aquisição de bolas, multas), a qual consome dinheiro que poderia ser destinado para a

promoção e manutenção do fornecimento de serviços e programas desportivos (e.g., mais modalidades desportivas, mais formação dos treinadores), bem como, para o desenvolvimento da organização (e.g., infraestruturas).

Presidente do Clube Amador de contexto Urbano

“[...] sobrecarga da associação de futebol. “ “[...] agora para as inscrições não chegam se for preciso 4.000€[...]”

“As maiores críticas vêm principalmente das pessoas da terra, que nem sequer são sócios ou coisa que valha. Mas se calhar as maiores críticas são das pessoas. Que nem passam cá o seu tempo, mas são os primeiros a apontar o dedo”

Presidente do Clube Amador de contexto Rural

“É, a própria associação. O próprio tarifário é elevado para as capacidades dos clubes.”

“E tu vês como é que isto está, cada vez há empresas a fechar mais.” “As pessoas são sempre as mesmas, as caras, aos domingos, nos treinos, os pais. São sempre as mesmas pessoas”

O estado económico do país reflecte-se na situação financeira das empresas e entidades governamentais que poderiam apoiar os clubes. Contudo, nos períodos de crise económica o tecido empresarial têm a tendência para se retrain, acabando pelos clubes e outras instituições de cariz local (e.g., Instituições Particulares de Solidariedade Social – IPSS) a concorrerem entre si na obtenção destes recursos (e.g., financeiros e géneros).

Diretor Técnico do Departamento de Formação do Clube Profissional

“[...]economicamente. Todas aquelas instituições, digamos, empresas que nos possam apoiar, estão a passar um período difícil. E os apoios, são, são difíceis.”

Presidente do Clube Amador de contexto Rural

“Depois temos as empresas, temos algumas que, que nos ajudam bastante.”

Presidente do Clube Amador de contexto Urbano

“[...]vamos mantendo o contacto, de algumas empresas, também. (...) e pronto, que nos apoiam externamente, a nível financeiro, ou em géneros[...]”

DISCUSSÃO

O presente estudo pretendia analisar e comparar o funcionamento e a cultura de três clubes de contextos diferentes. Como esperado, verificou-se que os Clubes Amadores apesar das suas diferenças, principalmente no que respeita à sua área demográfica e relações externas, nutrem mais semelhanças entre si do que com o Clube Profissional.

Já era expectável que os Clubes Amadores apresentassem uma estrutura simples, visto que esta é uma das principais características das organizações desportivas de carácter local (Papadimitriou, 2002; Slack, 1997). Os níveis de especialização, centralização e formalização do Clube Amador de contexto Urbano levam a referir que este encontra-se num nível intermédio entre a estrutura simples do Clube Amador do contexto Rural e a estrutura de burocracia profissional do Clube Profissional (Mintzberg, 1995). É de referir que apesar das diferenças verificadas a estrutura do Clube Amador de contexto Urbano está mais próxima da primeira no que respeita ao seu funcionamento prático e tácito. A centralização da decisão na estrutura simples potencializa tomadas de decisão rápidas e pode atrair colaboradores que preferem trabalhar num ambiente não burocrático e com um sentimento de missão. No entanto, ao centrar-se a decisão numa só pessoa, que normalmente é o presidente do clube, pode-se colocar entraves ao desenvolvimento da organização pela pretensão de manutenção do poder de decisão ou por impedimento de decisão do vértice (e.g., doença, ausência) (Slack, 1997).

A facilidade de contacto entre os diferentes colaboradores e pessoas envolvidas nos clubes pode potenciar o capital social e económico (e.g., coesão comunitária, emprego e desempenho) (Seippel, 2006), as relações interpessoais e o sentimento de apoio por parte dos jovens (Gaskin, 2008). Os atletas ao terem maior facilidade em contactar e se relacionar com adultos relevantes (e.g., dirigentes, treinadores) para as suas vidas, potencia a aquisição de competências sociais. Uma relação positiva entre treinador-atleta é fundamental para promover o desenvolvimento do jovem indivíduo (R. E. Smith, Smoll, & Cumming, 2007). Os atletas destes meios, apesar das desvantagens a nível de infraestruturas e de formação dos treinadores, podem revelar mais e melhores características de desenvolvimento pessoal e social do que os atletas do Clube Profissional. Contudo, os presidentes dos Clubes Amadores não percepcionam grande envolvimento da comunidade nas actividades do clube. Isto leva a sugerir que existe um afastamento das funções estatutárias dos clubes decorrente limitação de oferta de programas e actividades. E ao mesmo tempo os clubes sentem uma falta de adesão às actividades desportivas e de voluntariado. As alterações económicas sentidas pela

população portuguesa, como é o caso, da redução do poder de compra, podem contribuir para esta diminuição.

O Clube Profissional estabeleceu uma estrutura mais complexa e com maior especialização devido a factores como o crescimento em tamanho (e.g., número de sócios, número de atletas, colaboradores) e a inclusão de colaboradores profissionais especializados (e.g., licenciados em Ciências do Desporto), contribuindo para tal o aumento do profissionalismo do meio futebolístico. Estes resultados vão de encontro ao verificado por Gómez, Opazo e Martí (2007) e Thibault, Slack e Hinings (1991). Segundo Slack (1997) o aumento do nível de profissionalização permite uma maior autonomia e a standardização do trabalho, reflectindo-se esta autonomia no contexto de treino e competição das diferentes equipas do clube. No entanto, é de realçar que o aumento da burocracia pode levar a que os colaboradores voluntários sejam vistos como trabalhadores não remunerados (Nichols & James, 2008) e ser um factor de afastamento dos voluntários, os quais têm como característica o gosto em trabalhar em ambientes informais (Gaskin, 2008). Neste sentido, futuros estudos devem analisar as percepções dos colaboradores relativamente ao funcionamento, finalidades e objectivos do clube.

Os dirigentes desportivos, os treinadores e ademais devem pautar por valores e comportamentos positivos, podendo potenciar os efeitos do desporto no desenvolvimento do jovem atleta, quer a nível de desempenho quer no âmbito pessoal. Uma vez que o presente estudo apenas teve como participantes cargos dirigentes e não outras funções no clube torna-se interesse no futuro analisar as percepções e características dos colaboradores, principalmente dos voluntários, de clubes profissionais.

Analisando o Clube Profissional com base nos critérios de fins de Worsley (1983) podemos considerá-lo uma organização de trabalho, uma vez que foi dado mais ênfase ao desempenho desportivo, enquanto os Clubes Amadores referem uma valorização do trabalho para a comunidade local e do desporto como meio educativo para jovens, podendo-se caracterizar por uma organização de benefício mútuo. O presente estudo reforça o de Heinila (1989) que verificou que o principal fim dos clubes, de nível local e regional, era de benefício mútuo. A estabilidade e preparação do Clube Profissional permitiu-lhe definir finalidades orientadas para o rendimento, as quais começam a ser referidas no Clube Amador de contexto Urbano, e que podem vir a influenciar a cultura e o desenvolvimento da organização, o desempenho dos membros, bem como, as suas atitudes e valores (Abbott, White, & Charles, 2005). Contudo, é de ter em atenção que contextos desportivos que promovam um clima mais

orientado para o rendimento (e.g., resultados desportivos) estão mais propensos a promover o abandono desportivo dos atletas (Cervelló, Escartí, & Guzmán, 2007). A exigência de vitórias, a percepção de sucesso e as expectativas sobre o papel do treinador também são factores de *Burnout* dos treinadores (Goodger, Gorely, Lavallee, & Harwood, 2007). A pressão para ganhar, o requisito de ter que ajudar na vitória da equipa, a pretensão de obter reconhecimento por outro pode potenciar um desenvolvimento negativo, como é o caso da adoção de atitudes e valores antissociais e antidesportivas pelos atletas (Rocha & Turner, 2008), bem como, factores de *stress* para os treinadores (e.g., conflito, pressão, expectativas) (Olusoga, Butt, Hays, & Maynard, 2009) e pressão dos pais nos atletas (Fraser-Thomas & Côté, 2009).

No desporto de competição é natural que se tenha que potenciar o rendimento do atleta visto que há sempre o intuito de superar o adversário, mas ao mesmo tempo isto não deve ser feito com recurso a atitudes que desvirtuem os princípios éticos do desporto, os quais devem ser fomentados para potenciar o desenvolvimento positivo do atleta.

É de realçar que nas organizações estudadas encontram problemas em adotar um modelo de planificação que defina metas específicas, principalmente no que respeita ao desenvolvimento pessoal e atlético dos indivíduos, bem como a nível de funcionamento enquanto clube. Além das falhas na planificação, os Clubes Amadores demonstram dificuldades em implementar práticas básicas de gestão (e.g., planificação a médio e longo prazo), reforçando a ideia que independentemente do tipo de organização os dirigentes desportivos apenas enfatizam metas de curto prazo (Vail, 2007), isto é, ano após ano consoante os resultados finais dos campeonatos das suas diversas equipas. Apesar do intuito dos Clubes Amadores ser na sua essência de benefício mútuo e enquanto meio educativo não formal, a falta de planificação e avaliação para este objectivo não permite averiguar a concretização deste. O modelo lógico para o desenvolvimento positivo dos jovens através do desporto desenvolvido por Wells e Arthur-Banning (2008) pode ser como um modelo para desenvolver o trabalho dos dirigentes desportivos, através de um esquema através da definição de recursos/*inputs*, atividades, *outputs*, resultados, impacto (Imagem 1).

Imagem 1 – MODELO LÓGICO PARA O DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS POSITIVAS DOS ATLETAS

PLANEAMENTO		REUSLTADOS PRETENDIDOS		
RECURSOS/INPUTS	ACTIVIDADES	OUTPUTS (RESULTADOS DIRECTOS DAS ACTIVIDADES)	RESULTADOS A CURTO E A LONGO PRAZO	IMPACTO
Nº DE ELEMENTOS PARA EQUIPAS TÉCNICAS	Treinos e competição	Nº de horas de treino e competição por semana (ou horas de actividade física)	Aumentar o envolvimento comunitário	Baixos níveis de consumo de drogas (álcool, tabaco, outras)
Nº PESSOAS NECESSÁRIAS PARA AS ACTIVIDADES DO CLUBE (E.G., JOGOS, TREINOS	Jantar de Natal – com entrega de prémios (e.g. mérito social)	100% de participação ou aprovação no programas de treino de treinadores	Aumentar o envolvimento positivo dos adultos	Baixos níveis de depressões na adolescência
Nº DE DIRIGENTES E COLABORADORES	Jantar de gala – com entrega de prémios (e.g. mérito desportivo, desportivismo escolar)	Nº de horas de envolvimento no clube	Aumentar o tempo despendido em programas desportivos de qualidade	Aumento dos níveis de resiliência
ESPAÇOS DESPORTIVOS (CAMPO, GINÁSIO)	Blog /página web do clube		Maiores níveis de orientação para a tarefa e activos de desenvolvimento	Maior sucesso escolar
	Introduções/convívios entre equipas		Aumentar os comportamentos pró-sociais e positivos	
	Programas de treino de treinadores ou parental			

ADAPTADO DE WELLS & ARTHUR-BANNING (2008)

Isto permitirá ter uma perspectiva longitudinal do trabalho realizado e os resultados obtidos pelo clube, permitindo uma análise organizacional. Será interessante verificar as influências sofridas no decorrer da existência e funcionamento do clube ao longo do tempo, para compreender as adaptações que realizaram ao longo do seu funcionamento.

O baixo grau de formalidade apresentado pelos Clubes Amadores leva a um vazio das linhas orientadoras, não permitindo uma análise, execução e balanço do trabalho desenvolvido. Esta falta de um planeamento a médio e longo prazo não é um fator determinante da ineficácia da organização desportiva, mas é um fator que dificulta a criação de melhores condições para o seu funcionamento (Thiel & Mayer, 2009).

Isto leva-nos a sugerir que para a continuidade da existência dos Clubes Amadores estes vão-se valendo de um espírito comunitário e de valor histórico local do clube, aparentando uma pressão negativa para tal envolvimento. Isto é, os elementos envolvem-se e suportam a existência do clube com receio de que se não assumirem as funções mais ninguém as faça e assim colapse ou dificulte o funcionamento do clube.

Se seguirmos os indicadores de oferta desportiva utilizados por (Papadimitriou, 2002), o Clube Amador de contexto Rural e o Clube Profissional, que se cingem apenas à modalidade de futebol, com uma equipa competitiva (sénior) e academia para novos atletas, pode-se considerar como um desempenho muito fraco de fornecimento de serviços, apesar de Clube Profissional demonstrar um número superior de atletas de futebol do que os Clubes Amadores juntos. A dimensão do Clube Profissional e a capacidade de obtenção de fundos (e.g., direitos televisivos, *merchandising*) permitem-lhe a orientação para o rendimento desportivo, com uma especialização do trabalho nesta modalidade visando, nos escalões de formação, providenciar atletas para o mercado futebolístico.

No caso do Clube Amador de contexto Rural, a baixa oferta desportiva pode dever-se a problemas no que respeita à definição de políticas objetivas em relação ao mercado servido e a resistências externas por parte das autoridades locais, como é o caso de falhas na concessão de instalações desportivas públicas, implementação de programas e atribuição de subsídios. A irregularidade dos apoios atribuídos aos clubes, também foi um constrangimento verificado nos clubes Gregos analisados por Papadimitriou (2002). Isto leva-nos a sugerir uma tendência transcultural entre estes países do Sul da Europa. Os referidos fatores restringem o Clube Amador de Contexto Rural, levando a operar com pouca variedade dos programas desportivos oferecidos, o que por sua vez lhe coloca dificuldades na angariação de fundos, limitando o seu orçamento.

Contrariamente, o Clube Amador de contexto Urbano adaptou-se às exigências do meio no que respeita à prática desportiva, através de sinergias com outras entidades, principalmente com as autoridades locais, oferecendo 5 programas desportivos, ao mesmo que mantinha ou melhorava a sua viabilidade financeira e potenciou o envolvimento de indivíduos na organização e no desporto. Neste sentido, podemos referir que um funcionamento deficitário na colaboração entre clubes e autoridades locais pode colocar em causa a aplicação de programas desportivos, com efeitos no desenvolvimento dos indivíduos, dos clubes e, conseqüentemente, da comunidade. Será importante em futuros estudos analisar esta relação institucional dos clubes com as autoridades locais e/ou as associações distritais, para poder definir políticas que auxiliem o desenvolvimento do desporto.

Este estudo reforça o verificado por Seippel (2004) e Atherley (2006), revelando que as principais dificuldades sentidas pelos dirigentes dos clubes se prendiam com a dificuldade de recrutamento/envolvimento de indivíduos, principalmente colaboradores voluntários para funções dirigentes. A densidade demográfica do local onde o clube está implementado exerce efeitos no seu funcionamento, que no caso do Clube Amador de Contexto Rural estas dificuldades aparecem agravadas ao estenderem-se a atletas, o que reitera as preocupações de Gonçalves e Coelho e Silva (2004) e Heinila (1989). Os Clubes Amadores devem adoptar uma gestão de recursos humanos sistemática, a qual é facilitada pela criação de um perfil de colaboradores (características de competências), de acordo com as funções a desempenhar (direção ou outro) para este tipo de organizações e o desenvolvimento de competências nesta área dos dirigentes desportivos (Doherty, 2006).

É de salientar que o facto do Clube Profissional criar uma perspectiva de carreira aos treinadores dos escalões de formação permite o aumento do seu compromisso organizacional, comparativamente com os classificados como voluntários marginais (Cuskelly, 2004), que são mais comuns nos Clubes Amadores.

As diferenças existentes entre organizações de diferentes contextos proporcionam experiências singulares aos seus atletas, influenciando o seu processo de desenvolvimento, em características como esforço, compromisso, perseverança, atitudes e valores (J. Fraser-Thomas & Côté, 2009). Porém, o desenvolvimento parcerias colaborativas e fornecimento de programas desportivos de qualidade podem influenciar o desenvolvimento do jovem indivíduo e, juntamente, o desenvolvimento comunitário (Vail, 2007). Por isso, acredita-se que será importante continuar a investigar as diferenças contextuais das organizações, quer numa perspectiva macro (e.g., contexto sociocultural), meso (e.g., políticas locais) e micro (e.g.,

características dos atletas e do seu ambiente próximo), para compreender as suas influências no desenvolvimento dos atletas e da comunidade.

CONCLUSÕES

O presente estudo reforça a preocupação sobre as especificidades das características contextuais e próprios dos clubes quando se pretendem definir políticas de promoção do desenvolvimento do indivíduo e da comunidade pelo e no Desporto. De facto, apesar de todas as organizações desportivas estudadas nesta investigação fornecerem a prática desportiva de futebol com escalões de formação, existem diferenças organizacionais e de relações externas entre os Clubes Amadores e o Clube Profissional. Os Clubes Amadores são estruturas simples, com base no voluntariado e com fins de benefício mútuo, com baixa especialização e formalização no seu funcionamento. O Clube Profissional é caracterizado por possuir uma maior estrutura orgânica, dimensão externa, grau de especialização e formalização, por ter como finalidade o rendimento desportivo. As dificuldades sentidas pelos Clubes Amadores na angariação dos recursos humanos e financeiros provoca uma maior dependência das autoridades locais. Mesmo existindo semelhanças dos Clubes Amadores a nível organizacional, estes revelam diferenças nas relações externas estabelecidas com as autoridades locais, no que respeita à atribuição de apoios monetários e espaciais, com efeitos na sua capacidade de oferta desportiva e situação financeira. Estes factores são importantes para a manutenção e desenvolvimento do funcionamento das organizações e, conseqüentemente, da prática desportiva dos jovens. Pelo que as entidades governamentais e federativas devem prestar atenção a tais necessidades. Porém, estas devem apoiar os clubes a desenvolver sistema de avaliação do seu serviço, a fim de observar os seus benefícios para a sociedade. É fundamental continuar e aprofundar a análise contextual das organizações desportivas, das políticas e metas do sector público, local e nacional, para o Desporto, bem como, devem-se obter mais dados sobre o voluntariado no Desporto em Portugal.

CAPÍTULO 3

EFEITOS DA IDADE E DO ENVOLVIMENTO NO FUTEBOL JOVEM NAS COMPETÊNCIAS PESSOAIS

INTRODUÇÃO

O desporto é uma actividade importante para as crianças e jovens, sendo a principal actividade extra-curricular. Este tipo de actividade tem um enorme potencial para promover o desenvolvimento do jovem indivíduo, nomeadamente, no sucesso académico e de estilos de vida saudável (Holt, Kingsley, Tink, & Scherer, 2011), no capital social (Seippel, 2006) e na inclusão (Daud & Carruthers, 2008). Nos últimos anos, a educação formal sofreu cortes nos países em crise financeira, como é o caso Português, onde se reduziu os montantes atribuídos ao sector do ensino em 170.462.261 euros, com consequências na qualidade da educação formal e apoio a jovens em desvantagem educacional. O contexto desportivo pode servir como sistema complementar de educação, se os programas desportivos definirem como finalidade a promoção do desenvolvimento de competências sociais dos jovens.

O presente estudo, é fundado na teoria de ecológica de Bronfenbrenner (1999), a qual atribui importância ao contexto onde o indivíduo em desenvolvimento se encontra, bem como, as suas características pessoais. Desta perspectiva, as características pessoais e contextuais são relevantes para entender o indivíduo, bem como, o seu desenvolvimento. O modelo Pessoa-Processo-Contexto-Tempo (PPCT) reflecte a relevância dos diferentes contextos no processo de desenvolvimento do jovem indivíduo, como foi referido no Capítulo 1. Uma vez que as características pessoais do atleta (e.g., idade, atitudes, motivação, activos de desenvolvimento) e as características do contexto (e.g., tipo de desporto, tipo de organização) podem influenciar o seu desenvolvimento enquanto atleta e indivíduo, é importante estudar o efeito dos contextos no desenvolvimento dos atletas.

Para existir a possibilidade de ocorrerem efeitos provenientes dos contextos no desenvolvimento do indivíduo através de processos proximais, é necessário que o jovem atleta se envolva longos períodos de tempo no contexto desportivo. Durante a prática desportiva os atletas são sujeitos a interações com outros indivíduos, possibilitando a aquisição de novas competências sociais, que se pretendem ser éticas e pró-sociais. Neste sentido, os estudos longitudinais possibilitam a análise dos efeitos da participação desportiva ao longo da vida do futebolistas, permitindo compreender melhor as relações entre as variáveis observadas.

O contexto desportivo apresenta-se como um potencial recurso para promover características que podem potenciar adultos positivos e cidadãos activos. Contudo, nem sempre os efeitos exercidos pelo desporto têm resultados positivos. Por exemplo, quando comparando não atletas com atletas, os últimos demonstraram maior consumo de álcool, percentagem de agressão e comportamentos antissociais quando intoxicados, principalmente, os atletas dos desportos colectivos (O'Brien et al., 2012). Os resultados do referido estudo reforçam as preocupações sobre os efeitos negativos do envolvimento no contexto desportivo, principalmente, as influências exercidas pelo grupo social (e.g., equipa, clube) através das suas próprias regras.

Uma vez que na sua essência o contexto desportivo é sustentado num sistema competitivo, no qual os jovens atletas vivenciam diferentes emoções e experiências, bem como, adoptam comportamentos diversificados. O resultado da competição, a vitória ou a derrota, pode provocar diferentes emoções e atitudes no decorrer da prática desportiva. Os processos de desenvolvimento provocados por estas situações disposicionais podem contribuir para o desenvolvimento de resiliência e perseverança (Shields & Bredemeier, 2009). No entanto, os clubes ao integrarem as suas equipas num sistema competitivo tendem a orientar as suas metas e finalidades nos resultados desportivos, para as vitórias e melhor classificação no final da época desportiva. Esta situação é contraproducente devido à limitação das competências e capacidades da maioria dos jovens atletas para praticar desporto ao mais alto nível (Perkins & Menestrel, 2007). Além disso, pode-se exercer uma pressão na vitória a tudo o custo, o qual poderá ser obtida pela adopção e desenvolvimento de valores e atitudes anti-sociais e negativos.

O desporto moderno deve contribuir para o desenvolvimento moral do jovem através da promoção de atitudes pro-sociais. Diferentes instituições, designadamente a Fédération Internationale de Football Association, a União Europeia e o Governo Português, demonstram a sua preocupação com a adopção de comportamentos negativos, nomeadamente, racismo, agressão e batota, uma vez que estes são contrários aos valores éticos do desportivismo (*Sportsmanship*) (Vallerand, R., Briere, N., Blanchard, C., Provencher, 1997) e do *Fair Play* (Boixadós et al., 2004).

Devido às preocupações emanadas pela União Europeia relativamente às atitudes desportivas Lee (1996) desenvolveu um relatório e, conseqüentemente, o questionário de Atitudes Desportivas (*Sport Attitudes Questionnaire*) para medir as atitudes desportivas através de quatro factores: Empenho (intenção do atleta de praticar desporto), Convenção

(respeito pelas convenções sociais), Batota (infracções de regras para obter desvantagem desleal) e Anti-Desportivismo (atitudes que não violam as regras do desporto mas que não respeitam o espírito desportivo).

As atitudes podem ser um resultado de um valor e uma atitude pode representar vários valores, pelo que a aquisição de valores subjacentes leva a decisões comportamentais. Outro aspecto negativo da aquisição de valores e atitudes negativos no desporto é a possibilidade da sua transferência para o dia-a-dia, fora do contexto desportivo (Shields & Bredemeier, 2009). Estes autores referem que a violação das regras podem ser aceites dentro do âmbito desportivo, promovido por um grupo específico (e.g., treinadores, pares, pais). De facto, a adopção de atitudes que violem as normas estabelecidas podem ser produto da lealdade ao grupo (Stephens, Bredemeier, & Shields, 1997).

A pressão para a vitória e a orientação motivacional para o ego estão relacionadas com baixos níveis de satisfação no desporto e com aceitação de comportamentos sociais negativos (Braithwaite, Spray, & Warburton, 2011; Mageau & Vallerand, 2003). O conceito de satisfação no desporto jovem é um dos principais factores preditores de adesão e manutenção nesta actividade, estando associado a emoções positivas (Kimiecik & Harris, 1996). O conceito de satisfação revela-se como mais abrangente, incluindo constructos que compreendem vários aspectos multifacetados provenientes da participação desportiva (teoria da realização de objectivos (Ames, 1992), motivação intrínseca e extrínseca (Deci & Ryan, 1985). Scanlan e Lewthwaite (1986) desenvolveram um modelo teórico de satisfação no desporto considerando características pessoais (e.g., idade, percepção de habilidade) e contextuais (e.g., adultos significantes) como fontes de satisfação no desporto jovem. Segundo os referidos autores, a satisfação no desporto partilha uma base comum com o construto de motivação intrínseca.

O construto de Fontes de Satisfação no desporto jovem foi reformulado por Scanlan, Carpenter, Lobel e Simons (1993) conceptualizando um continuum de quatro quadrantes (realização/não realização e intrínseca/extrínseca). Wiersma (2001) fundamentou-se neste modelo teórico de satisfação para o desenvolvimento do instrumento psicométrico de Fontes de Satisfação no Desporto Jovem (*Sources of Enjoyment in Youth Sport Questionnaire – SEYSQ*). Este instrumento permite a observação dos níveis de satisfação desportiva percebida pelos jovens atleta. Na versão Portuguesa o SEYSQ (Santos & Gonçalves, 2012) avalia o quadrante realização/intrínseca através do factor Competências auto-referenciadas, o qual é referente à percepção de competências pessoais e de controlo pelo indivíduo, tal como, a habilidade percebida e obtenção de mestria. O quadrante realização/extrínseca reflectido

pelo factor Competências referenciadas por outros e reconhecimento, agrega a percepção das competências pessoais e controlo derivados de outras pessoas e, a avaliação social positiva e reconhecimento social por ser atleta e participar no desporto. O factor Esforço exercido, que reflecte a satisfação obtida pela actividade física e movimento, avaliando o quadrante não realização/intrínseca. Por último o quadrante não realização/extrínseca, relativo às fontes de satisfação derivadas de afiliação com os colegas e pares e as interações sociais positivas com adultos, é mesurado pelos factores Afiliação com os Pares e Envolvimento parental positivo.

Anteriormente, este instrumento psicométrico (SEYSQ) foi utilizado por (Strachan, Côté, & Deakin, 2009) para analisarem as relações entre abandono desportivo (*dropout*) e os Activos de desenvolvimento e a Satisfação no desporto jovem. Estes autores verificaram, ainda, que os Activos de desenvolvimentos, nomeadamente, Identidade Positiva, Autonomia e Apoio, são preditores da satisfação no desporto.

A relação teórica entre o envolvimento desportivo e os Activos de desenvolvimento tem vindo a ser estabelecida e estudada por Fraser-Thomas, Côté e Deakin (2005) e Petitpas, Corneliues e Van Raalte (2008). A teoria dos Activos de desenvolvimento, que foi fundamentada na teoria ecológica de Urie Bronfenbrenner (1999) e sustentada numa extensa revisão da literatura sobre factores preditores de adulez de sucesso, de prevenção de comportamentos de alto risco (e.g., agressão, abandono escolar e uso de drogas), de potencialização de resultados positivos (e.g., actividade física, sucesso escolar, comportamentos e valores pró-sociais) e resiliência (Benson, 2002; Scales, Benson, Roehlkepartain, Sesma, & van Dulmen, 2006). A título de exemplo, tem-se o estudo de (Scales et al., 2006), os quais verificaram que um maior nível de Activos de desenvolvimento está relacionado com melhores resultados da avaliação do indivíduo no âmbito escolar. Já Sandford, Duncombe e Armour (2008) verificaram que o envolvimento dos jovens em programas desportivos que têm como finalidade a promoção de Activos de desenvolvimento contribui para um aumento do interesse e satisfação na escola, do trabalho cooperativo com outros e a diminuição de atitudes disruptivas (e.g., agressividade na relação com outras pessoas).

O modelo dos Activos de desenvolvimento permite obter uma perspectiva pessoal e outra contextual da aquisição de valores nucleares para o desenvolvimento positivo do jovem. A versão Portuguesa do *Development Assets Profile* (DAP) – Perfil de Activos de desenvolvimento (Santos & Gonçalves, 2012) avalia os seguintes Activos de uma perspectiva pessoal:

Activos Internos – Compromisso para aprendizagem (mede a ligação e interesse com a escola, as auto-percepções relacionadas com o desempenho académico – motivação para tal, realização de trabalhos de casa); Valores positivos (defender as suas crenças; assumir responsabilidades; evitar álcool; tabaco e drogas; ter comportamentos saudáveis; ser encorajado a ajudar os outros e ajudar, respeitar e servir os outros); Identidade positiva (optimismo, locus de controlo, auto-estima).

Activos externos – Apoio (avalia o apoio dos pais, família e outros adultos; comunicação pais-jovem; conselhos e ajuda dos pais; vizinhos prestáveis e ambiente escolar preocupado com o aluno) e Limites e expectativas (relativo à exposição a regras, normas e monitorização pela família, escola e vizinhança, bem como, à relação com os pais)

Partindo da perspectiva contextual do modelo teórico dos Activos de desenvolvimento, na versão Portuguesa, permite-nos analisar os factores Social, Família, Escola e Comunidade. No que concerne ao primeiro factor, este é baseado nas relações sociais com uma ou mais pessoas de fora do círculo da família, tais como amigos, pares e adultos modelos, bem como, resistir a pressões provenientes de outros, resolver conflitos de modo pacífico, ser sensível com os outros e sentir-se valorizado por terceiros. Relativamente ao activo Família, este analisa a comunicação e o apoio familiar, conselhos e incentivo dos pais, regras claras no seio familiar, qualidade de tempo despendido em casa e sentimento de segurança no lar. O activo Escola é concernente às regras claras e justas na escola, ao encorajamento pelos professores e um ambiente escolar atencioso e seguro, bem como, o gosto pela escola e estar motivado para aprender e envolver-se activamente em actividades de leitura e escrita. Por último temos o factor Comunidade, que reflecte as actividades e envolvimento na comunidade em geral, como é o exemplo o desporto, os clubes recreativos, os grupos ou actividades religiosas, artísticas (e.g., música, teatro), bem como, ter boa vizinhança, aceitar os outros e ajudar a comunidade.

O desporto além de promover competências sociais e a actividade física, diversão e satisfação, deve contribuir para a aquisição de valores e atitudes positivas contribuindo para a educação dos jovens. Stephens (2000) refere que os efeitos da participação desportiva dependem do número de anos expostos ao contexto desportivo. No entanto, são escassos os dados disponíveis sobre os efeitos do desporto durante uma época nos activos de desenvolvimento, fontes de satisfação e atitudes no desporto, bem como, estes resultados são influenciados pela idade.

Neste sentido, o presente estudo pretende analisar: a) os efeitos do envolvimento no futebol durante uma época desportiva nos activos de desenvolvimento, fontes de satisfação e atitudes desportivas; b) os efeitos da idade nos activos de desenvolvimento, fontes de satisfação e atitudes desportivas dos jovens atletas; c) relações entre os activos de desenvolvimento, atitudes e satisfação no desporto.

METODOLOGIA

PARTICIPANTES

O presente estudo compreende 170 atletas masculinos de futebol, com idades entre os 12 e os 18 anos ($M=15.08$, $SD=1.63$), do Distrito de Coimbra, Portugal. Este estudo foi aprovado pelo Comité de Ética da respectiva faculdade. Foi solicitada a autorização parental para a participação no estudo. Os participantes responderam os questionários no início do período do treino, no início e no final da época, na presença do investigador principal.

INSTRUMENTOS

Development Assets Profile (DAP) – Search Institute (2005)

Este instrumento foi traduzido e validado para a versão Portuguesa por Santos e Gonçalves (2012) (Perfil de Activos de Desenvolvimento). O recurso a este questionário permite medir os activos internos e externos através de uma perspectiva pessoal e outra contextual. A primeira é composta, na versão Portuguesa, pelos factores: apoio, limites e expectativas, compromisso para aprendizagem, valores positivos e identidade positiva. Enquanto na perspectiva contextual integram-se os factores: social, família, escola e comunidade. O exemplo de um item que avalia o factor externo apoio é “Eu tenho adultos que são bons exemplos para mim”, enquanto para o factor interno identidade positiva “Eu sinto bem comigo mesmo”. A versão Portuguesa apresentou boa consistência interna, variando de .69 a .82.

Sources of Enjoyment in Youth Sport Questionnaire (SEYSQ) – Wiersma (2001)

Santos e Gonçalves (2012) traduziram e validaram este instrumento para Português (Questionário de Fontes de Satisfação no Desporto Jovem). Na versão Portuguesa este instrumento mede os seguintes factores: Envolvimento parental positivo, Competências autorreferenciadas, Competências referenciadas por outros e Reconhecimento, Esforço Exercido, Afiliação com Pares. A título de exemplo dos itens que avaliem as Competências referenciadas por outros e reconhecimento temos “Ser reconhecido pelos outros por praticar desporto”. Para o factor Afiliação com Pares um dos itens utilizados é “O sentimento de

espírito de equipa e a união que sinto por fazer parte dessa equipa”. A consistência interna apresentada por estes factores, na versão Portuguesa, varia de .76 a .85, o que é considerado como boa.

Sport Attitudes Questionnaire (SAQ-2) – Lee (1996)

Este instrumento foi traduzido e validado para a população Portuguesa por Gonçalves, Coelho e Silva, Chatzisarantis, Lee e Cruz (2006), avaliando a batota, antidesportivismo, empenho e convenção. O instrumento apresenta na versão Portuguesa uma boa consistência interna dos factores, variando de .67 a .90. Um dos itens que avalia a Batota é “Faço batota se ninguém der por isso”, enquanto para o antidesportivismo temos o exemplo do item “Como não é contra as regras pressionar psicologicamente os adversários, posso fazê-lo”.

ANÁLISE DE DADOS

Para a assumpção da normalidade foi utilizado o teste Kolmogorov-Smirnov, com a correcção da significância de Lilliefors e procedeu-se à inspecção visual dos *plots* de normalidade. A estatística descritiva foi realizada para todas as medidas, no início e no final da época. As mudanças nos activos de desenvolvimento, fontes de satisfação e atitudes desportivas resultantes do envolvimento desportivo durante uma época foram examinadas através de um modelo de dois níveis. A medida sucessiva ao longo da época de cada participante foi definida como a trajectória de crescimento individual e erro aleatório (Nível 1). No nível 2 foram examinadas as diferenças entre as trajectórias entre grupos de indivíduos. Procedeu-se ao intervalo de confiança de 95% para cada efeito, com o intuito de realizar deduções acerca dos valores reais do efeito do treino na população (Batterham & Hopkins, 2006). O desvio padrão entre sujeitos para cada variável dependente foi utilizado para converter os valores absolutos das variações em variações estandardizadas da média (Cohen). A variação estandardizada mais baixa foi assumida como 0.20 (Cohen, 1988). A correlação de *Pearson* foi executada. O valor de significância foi definido como $p < 0.05$. Para a análise estatística utilizou-se o programa SPSS 20.

RESULTADOS

As alterações do momento 1 para o momento 2 nas dimensões analisadas são apresentadas na tabela 1. A técnica de análise multilevel foi realizada separadamente para os Activos de desenvolvimento, Fontes de satisfação e Atitudes desportivas.

Os Activos de desenvolvimento apresentam-se relativamente estáveis ao longo da época, sem variações nos valores médios compostos, excepto para o Compromisso para

aprendizagem, Valores positivos, Escola e Comunidade ($p < 0.05$). A exposição ao treino durante uma época revela uma diminuição do Compromisso para a Aprendizagem e Comunidade, indicando possíveis efeitos prejudiciais. No entanto, as respostas ao treino durante a época aumentaram nos Valores positivos e Escola, apontando para possíveis benefícios do envolvimento desportivo.

Tabela 1. Variações dos valores médios compostos nos Activos de desenvolvimento, Fontes de Satisfação e Atitudes desportivas como consequência do treino.

	Pré-Época	Pós-Época	Variações da média. 95% CL	P	Inferências práticas
Activos					
Apoio	4.05 (0.40)	4.08 (0.45)	-0.03 (-0.09 to 0.04)	0.40	Provavelmente trivial
Limites e Expectativas	4.52 (0.49)	4.54 (0.49)	0.02 (-0.05 to 0.10)	0.54	Provavelmente trivial
Compromisso para a Aprendizagem	5.60 (0.70)	5.49 (0.74)	-0.11 (-0.22 to -0.01)	0.03	Possível malefício
Valores positivos	3.67 (0.55)	4.17 (0.71)	0.70 (0.60 to 0.80)	0.00	Possível benefício
Identidade positiva	3.58 (0.54)	3.64 (0.54)	0.06 (-0.04 to 0.15)	0.23	Provavelmente trivial
Social	3.95 (0.44)	3.98 (0.47)	0.03 (-0.05 to 0.11)	0.44	Provavelmente trivial
Família	4.16 (0.39)	4.17 (0.42)	0.01 (-0.05 to 0.07)	0.81	Provavelmente trivial
Escola	4.51 (0.63)	4.62 (0.57)	0.11 (0.01 to 0.21)	0.03	Possível benefício
Comunidade	4.39 (0.68)	4.27 (0.69)	-0.12 (-0.22 to -0.01)	0.04	Possível malefício
Fontes de satisfação					
Competências auto-ref.	4.57 (0.49)	4.51 (0.46)	-0.06 (-0.15 to 0.02)	0.15	Provavelmente trivial
Comp. referenciadas por outros e Reconhecimento	3.84 (0.90)	4.02 (0.88)	0.18 (0.02 to 0.33)	0.02	Possível benefício
Esforço exercido	4.95 (0.50)	4.83 (0.57)	-0.12 (-0.21 to -0.03)	0.01	Possível malefício
Afiliação com Pares	5.16 (0.54)	5.12 (0.53)	-0.04 (-0.12 to 0.05)	0.40	Provavelmente trivial
Envolvimento parental positivo	4.79 (0.82)	4.68 (0.89)	-0.11 (-0.25 to 0.02)	0.10	Possível malefício
Atitudes					
Batota	1.36 (1.28)	1.65 (1.18)	0.29 (0.08 to 0.49)	0.01	Possível malefício
Anti-desportivismo	2.41 (1.10)	2.45 (1.03)	0.04 (-0.16 to 0.23)	0.70	Provavelmente trivial
Convenção	6.62 (0.90)	6.51 (0.87)	-0.11 (-0.24 to 0.03)	0.12	Provavelmente trivial
Empenho	5.45 (0.55)	5.32 (0.61)	-0.13 (-0.22 to -0.04)	0.01	Possível malefício

** $p < 0.01$; * $p < 0.05$

O construto Fontes de satisfação apresenta poucas variações entre os dois momentos. Verificaram-se alterações positivas nas respostas nas Competências referenciadas por outros e reconhecimento ($p < 0.05$), indicando possíveis efeitos. Os níveis de resposta do Esforço exercido apresentam alterações que provavelmente reflectem efeitos negativos do envolvimento durante uma época no futebol jovem.

No que respeita às Atitudes desportivas verificaram-se alterações significativas na Batota e no Empenho, indicando possíveis efeitos negativos. A média composta do primeiro factor aumenta, enquanto a do Empenho diminui.

Apesar de não se verificarem alterações na maioria das respostas dos factores dos Activos de Desenvolvimento, a variabilidade entre indivíduos é explicada pela idade para as respostas no factor Limites e expectativas, Compromisso para a aprendizagem, Valores positivos, Social, Família, Escola e Comunidade ($p < 0.05$). O aumento de uma unidade da variável idade reflecte-se numa redução de .15 do valor médio composto do factor Compromisso para a Aprendizagem.

Com o aumento da idade os indivíduos tendem a reduzir o seu nível de resposta nos Activos de desenvolvimento (Tabela 2), sugerindo um efeito negativo da idade, o que se pode dever a outros efeitos parasitas provenientes dos diferentes contextos onde o jovem atleta está inserido (e.g., escola).

Tabela 2. Análise de regressão multilevel para os Activos de desenvolvimento dos jovens futebolistas

	Apoio	Limites e Expectativas	Compromisso para a Aprendizagem	Valores positivos	Identidade positiva	Social	Família	Escola	Comunidade
Fixed Explanatory Variables									
<i>Exponent value (standard error)</i>									
Constante	4.05 (0.25)**	4.52 (0.29)**	5.60 (0.41)**	3.67 (0.37)**	3.58 (0.31)**	3.95 (0.26)**	4.16 (0.24)**	4.51 (0.34)**	4.39 (0.40)**
Época	-0.03 (0.03)	0.02 (0.04)	-0.11 (0.05)*	0.70 (0.05)**	0.06 (0.05)	0.03 (0.04)	0.01 (0.03)	0.11 (0.05)*	-0.12 (0.05)*
Idade	-0.03 (0.02)	-0.08 (0.02)**	-0.15 (0.03)**	-0.09 (0.02)**	-0.03 (0.02)	-0.04 (0.02)*	-0.04 (0.02)*	-0.09 (0.02)**	-0.11 (0.03)**
Variance-Covariance Matrix of Random Variables									
<i>Level 1 (within individuals)</i>									
Resíduos	0.05 (0.01)**	0.07 (0.02)**	0.12 (0.03)**	0.12 (0.03)**	0.13 (0.02)**	0.10 (0.02)**	0.04 (0.01)**	0.16 (0.03)**	0.15 (0.03)**
<i>Level 2 (between individuals)</i>									
Resíduos	0.09 (0.01)**	0.11 (0.02)**	0.23 (0.04)**	0.17 (0.03)**	0.11 (0.02)**	0.07 (0.01)**	0.08 (0.01)**	0.12 (0.03)**	0.20 (0.03)**
-2 Restricted Log Likelihood	322.337	412.388	639.597	585.513	506.839	393.645	276.870	574.823	641.383
Akaike's Information Criterion	332.337	422.388	649.597	595.513	516.839	403.645	286.870	584.823	651.383

** p < 0.01; * p < 0.05

Os resultados do multilevel, relativamente às Fontes de satisfação (tabela 3), apresentam mudanças no decorrer da época desportiva nas Competências referenciadas por outros e reconhecimento e no Esforço exercido foram removidas quando controlada a idade. No entanto, verificaram-se efeitos da idade na Afiliação com os pares, pelo que com o aumento de um ano de idade verifica-se a redução de 0.06 nos valores de resposta.

Tabela 3. Análise de regressão multilevel para as variáveis das Fontes de satisfação dos jovens futebolistas

	Competências auto-referenciadas	Competências referenciadas por outros	Esforço exercido	Afiliação com Pares	Envolvimento parental positivo
Fixed Explanatory Variables					
<i>Exponent value (standard error)</i>					
Constante	4.57 (0.27)**	3.84 (0.52)**	4.95 (0.32)**	5.16 (0.13)**	4.79 (0.51)**
Época	-0.06 (0.04)	0.18 (0.08)*	-0.12 (0.04)**	-0.04 (0.04)	-0.11 (0.07)
Idade	-0.01 (0.02)	-0.02 (0.03)	-0.03 (0.02)	-0.06 (0.02)**	-0.04 (0.03)
Variance-Covariance Matrix of Random Variables					
<i>Level 1 (within individuals)</i>					
Resíduos	0.12 (0.02)**	0.37 (0.06)**	0.10 (0.02)**	0.10 (0.02)**	0.23 (0.05)**
<i>Level 2 (between individuals)</i>					
Resíduos	0.06 (0.02)**	0.28 (0.06)**	0.12 (0.02)**	0.12 (0.02)**	0.33 (0.06)**
-2 Restricted Log Likelihood	413.203	853.590	490.544	487.348	803.301
Akaike's Information Criterion	441.203	563.590	500.544	497.348	813.301

** p < 0.01; * p < 0.05

39

Tabela 4. Análise de regressão multilevel das Atitudes desportivas dos jovens futebolistas

	Batota	Antidesportivismo	Convenção	Empenho
Fixed Explanatory Variables				
<i>Exponent value (standard error)</i>				
Constante	1.36 (0.72)	2.41 (0.60)**	6.62 (0.50)**	5.45 (0.34)**
Época	0.29 (0.10)**	0.04 (0.10)	-0.11 (0.07)	-0.13 (0.05)**
Idade	0.08 (0.05)	0.05 (0.04)	-0.16 (0.03)**	-0.06 (0.02)**
Variance-Covariance Matrix of Random Variables				
<i>Level 1 (within individuals)</i>				
Resíduos	0.63 (0.12)**	0.67 (0.10)**	0.25 (0.05)**	0.12 (0.02)**
<i>Level 2 (between individuals)</i>				
Resíduos	0.57 (0.11)**	0.30 (0.08)**	0.30 (0.05)**	0.14 (0.03)**
-2 Restricted Log Likelihood	1065.557	586.506	803.827	541.881
Akaike's Information Criterion	1075.557	596.506	813.827	551.881

** p < 0.01; * p < 0.05

Relativamente às Atitudes no desporto (tabela 4), quando se controlou a idade as alterações devido ao efeito do treino foram removidas no factor Batota. Contudo, a idade está relacionada com a variabilidade inter-individual nas respostas do início da época, nos factores Convenção e Compromisso. Com o aumento de um ano na idade o valor médio composto da resposta ao factor Conveção apresenta uma redução de .16.

Apesar dos resultados obtidos, ainda existe variabilidade inter-individual dos factores analisados que não foi explicada pelo presente modelo. A limitação na explicação desta variabilidade inter-individual é maior para a dimensão das Atitudes no desporto, apresentando valores dos resíduos de 0.63 e 0.57.

Os resultados da correlação de *Pearson* (Tabela 5) revelaram que os factores das Fontes de satisfação se correlacionam entre eles, acontecendo o mesmo para os Activos de desenvolvimento. Além disso, verificou-se que as Competências referenciadas por outros e reconhecimento e os Valores positivos estão correlacionados com a Batota. As Competências referenciadas por outros e reconhecimento também se correlacionam com o Antidesportivismo. O factor Valores positivos apresentou uma correlação forte com a Comunidade e Antidesportivismo. Este último factor também se apresenta correlacionado com a Batota e Comunidade, bem como, com o factor Família, apesar de apresentar uma correlação mais fraca com este. No entanto, alguns factores dos Activos de desenvolvimento, nomeadamente, Apoio, Limites e expectativas, Identidade positiva e Família, não se correlacionam com o factor Competências referenciadas por outros e reconhecimento. No que respeita às Fontes de satisfação, é de referir que o Esforço exercido não se correlaciona apenas com os factores Comunidade e, o factor Afiliação com os pares apresenta valores significativos para a correlação com o Compromisso para aprendizagem.

Table 5. *Pearson* correlation of the SEYSQ, SAQ and DAP factors.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17
1) Competências Auto-referenciadas																	
2) Competências referenciadas por outros e Reconhecimento	,259**																
3) Esforço exercido	,670**	,211**															
4) Afiliação com os pares	,485**	,202**	,478**														
5) Envolvimento parental positivo	,326**	,226**	,387**	,420**													
6) Batota	-,078	,275**	-,117	,054	-,003												
7) Anti-desportivismo	,046	,263**	,013	,106	,013	,628**											
8) Convenção	,310**	,105	,306**	,308**	,179**	-,074	,066										
9) Empenho	,483**	,095	,478**	,397**	,241**	,007	,120*	,489**									
10) Apoio	,236**	,010	,376**	,331**	,388**	,032	,097	,249**	,341**								
11) Limites e Expectativas	,074	,046	,202**	,202**	,275**	,041	,068	,243**	,248**	,560**							
12) Compromisso para a aprendizagem	,184**	,055	,237**	,118	,212**	-,028	,076	,253**	,214**	,361**	,507**						
13) Valores Positivos	,087	,185**	,123*	,221**	,333**	,202**	,147*	,194**	,183**	,339**	,458**	,361**					
14) Identidade positiva	,149*	,034	,178**	,198**	,238**	,054	,136*	,204**	,242**	,422**	,389**	,313**	,341**				
15) Social	,290**	,173**	,429**	,313**	,380**	,019	,094	,285**	,424**	,559**	,466**	,445**	,440**	,542**			
16) Família	,233**	,059	,352**	,387**	,410**	,084	,129*	,287**	,371**	,829**	,618**	,415**	,476**	,483**	,620**		
17) Escola	,084	,022	,190**	,184**	,219**	,017	,028	,253**	,239**	,468**	,893**	,504**	,430**	,386**	,447**	,538**	
18) Comunidade	-,046	,206**	-,001	,130*	,299**	,180**	,162**	,180**	,073	,342**	,510**	,429**	,766**	,377**	,394**	,416**	,503**

** p < 0.01; * p < 0.05

DISCUSSÃO

Através do presente estudo observámos que existem efeitos da idade nas Fontes de satisfação e nas Atitudes desportivas. A maioria dos activos de desenvolvimento são afectados por esta variável. Além disso, verificámos que a exposição à prática desportiva durante a época teve efeitos sobre alguns dos factores medidos. As variações nos resultados compostos devido ao decorrer da época desportiva sugerem que esta tem efeitos negativos nas Fontes de satisfação, Atitudes no desporto e Activos de desenvolvimento. Porém, o envolvimento no desporto aparenta ajudar a promoção dos Activos de desenvolvimento, nomeadamente, dos Valores positivos e Escola.

Este estudo vem reforçar a ideia de que a participação no desporto promove comportamentos saudáveis, uma vez que os Valores positivos são referentes a “defender as suas crenças; assumir responsabilidades; evitar álcool, tabaco e drogas; valorizar honestidade; comportamentos saudáveis; ser encorajado para ajudar outros; e ajudar, respeitar e servir outros”(Search Institute, 2005, pg. 5). No entanto, os dados levam-nos a sugerir que os atletas consideram que ajudar outros, principalmente, no contexto desportivo, é ajudar a sua equipa a obter vitórias e bons resultados, recorrendo mesmo a atitudes desportivas negativas. Estudos anteriores verificaram que os jovens atletas estão submetidos às regras da equipa (R. E. Smith et al., 2007) e que existe uma tendência para adoptar algumas atitudes de acordo com as expectativas dos pares e dos treinadores (Cecchini, Montero, Alonso, Izquierdo, & Contreras, 2007).

A redução do início para o final da época do Compromisso para a aprendizagem reflecte efeitos negativos no interesse na leitura, aprendizagem e trabalho escolar. Este factor foge ao ambiente desportivo, centrando-se mais com competências de leitura e questões do contexto escolar. No entanto, este pode também reflectir a diminuição do interesse no processo de aprendizagem de novas competências técnico-tácticas no contexto desportivo.

É comum a referência de que a prática desportiva deve contribuir para o desenvolvimento do indivíduo, e no que respeita às competências de leitura e escrita os clubes podem potenciar tal através do desenvolvimento de uma página nas redes sociais ou na internet, na qual os atletas participem. Deste modo, além destas competências os clubes podem potenciar o desenvolvimento da imagem e cultura do clube, bem como, a ligação com a comunidade.

No entanto, os resultados do presente estudo aparentam uma contradição, uma vez que enquanto o Compromisso para aprendizagem diminui o factor Escola apresenta um aumento. Isto leva-nos a sugerir que apesar dos alunos intrinsecamente considerarem que não se envolvem tanto no processo de aprendizagem, não se deve a falhas da escola na promoção do seu desenvolvimento, com os atletas a percepcionarem que ao longo deste período lhes é providenciado recursos e regras para alcançarem o sucesso escolar.

A participação desportiva durante a época revela outro factor preocupante, na medida que o factor Comunidade diminui, indiciando que os jovens atletas tendem a reduzir o envolvimento em outras actividades (e.g., escuteiros, catequese, grupos de dança ou musicais, entre outras actividades recreativas) ou reconhecer, aceitar e ajudar a sua comunidade (Search Institute, 2005). A redução desta dimensão pode ser justificada pelas exigências que a prática desportiva coloca ao atleta, no que respeita ao tempo e esforço físico e mental, restringido a participação noutras actividades. Neste sentido, os treinadores e dirigentes desportivos devem ter em atenção as exigências temporais para o treino e competição, permitindo que os atletas tenham algum tempo livre para se envolverem em outras actividades (e.g., um ou dois dias por semana sem treino).

Os resultados do presente estudo levam-nos a considerar que existe um efeito transcultural dos Activos de desenvolvimento, uma vez que ao aumentar a idade estes diminuem, o que está de acordo com o verificado por (Benson, 2002) com a população dos Estados Unidos da América. Porém, o referido autor não considerava tal facto problemático no caso dos jovens indivíduos adquirirem os Activos de desenvolvimento no período da infância e pré-adolescência.

O factor Identidade positiva no modelo dos Activos de desenvolvimento agrega a auto-estima, optimismo e locus de control. Contrariamente ao estudo de Coatsworth e Conroy (2006) no qual se verificaram diferenças na auto-estima entre grupos etários, com o grupo mais velho (14-17 anos) a exhibir um menor decréscimo desta após um programa de intervenção, o presente estudo não revela efeitos da participação desportiva durante a época no factor Identidade positiva. Strachan, Côté e Deakin (2009) concluíram que este factor tem efeitos mediadores entre o Apoio e o *burnout*, com a Identidade positiva a relacionar-se positivamente com o *burnout*. É provável que os atletas com o aumento da experiência desportiva associem a sua identidade pessoal à atlética, com a vivência enquanto atleta a ser parte integrante do seu modo de viver nos diferentes contextos. Já Coakley (1992) sugeria que

para que os níveis de *burnout* sejam baixos os atletas devem apresentar uma baixa identidade atlética.

Relativamente às Fontes de satisfação, os resultados deste estudo diferem dos de Murcia, Blanco, Galindo, Villodre e Coll (2007), uma vez que estes revelaram que com a idade aumentava a satisfação e a motivação intrínseca. Segundo Molinero, Salguero, Concepción, Alvarez e Márquez (2006) referiram que um clima motivacional orientado para a mestria promove maiores níveis de satisfação e motivação dos atletas, contribuindo para a manutenção no desporto dos atletas mais novos e maiores níveis das Fontes de satisfação dos atletas mais velhos. O presente estudo reforça os resultados de Fairclough (2003) no que respeita à correlação positiva entre as competências percebidas, quer seja auto ou hetero, e a satisfação no desporto. A diminuição do Esforço exercido e das Competências referenciadas por outros e reconhecimento com o decorrer da época pode estar relacionado com a posição final da equipa na tabela classificativa, revelando-se como uma das limitações do estudo a falta da avaliação desta variável. Os resultados levam-nos a sugerir que os treinadores devem estimular as competências de auto-regulação dos atletas, tais como, planear, avaliar, reflectir e auto-monitorizar o processo para que estes adquiram maior autonomia na prática e melhorem os seus níveis de satisfação.

A variação com o decorrer da época dos níveis percebidos de Competências referenciadas por outros e reconhecimento pode reflectir a obtenção de resultados positivos e, conseqüentemente, o reconhecimento social. No entanto, tal aumento pode ser produto do desenvolvimento das competências desportivas (e.g., técnica e tática) dos atletas e o devido incentivo de terceiros para a melhoria destas. É de realçar que a motivação e a satisfação baseadas em fontes externas podem levar à adopção de comportamentos negativos, tais como, batota e anti desportivismo (Boixadós et al., 2004) e *burnout* e *dropout* (Cervelló et al., 2007). Gould, Medbery e Tuffey (2001) observaram que a competição ao mais alto nível tem efeitos na importância atribuída à vitória pelo atleta. Estes autores referem que isto não significa que os atletas mais experientes não têm prazer em receber prémios ou medalhas, no entanto estes atribuem mais importância a outras fontes de satisfação do que as estas fontes externas.

Boixadós et al. (2004) referem que os atletas mais orientados para o Ego apresentam níveis baixos de esforço e persistência, uma vez que eles estão interessados em seleccionar desafios, tarefas, processos em que possam ser bem-sucedidos, evitando a demonstração de baixas competências. Os resultados do presente estudo levam-nos a sugerir que no decorrer

da época há uma tendência para orientar a motivação para o ego, visto estar a decorrer o período competitivo, levando a uma comparação entre as equipas. O presente estudo reforça esta ideia pois com a participação no decorrer de uma época revelou efeitos negativos no Esforço exercido. Desde o início da época até ao seu fim os atletas reduziram os níveis de empenho e trabalho no treino e nos jogos. Isto pode reflectir a saturação de uma longa carga horária de treinos e jogos, reflectindo um investimento de tempo o qual pode não ser percepcionado como tendo um retorno para o indivíduo (e.g., resultados, relações interpessoais, competências e habilidades). A diminuição do empenho dos atletas poderá levar ao abandono desportivo (*dropout*) ou ao *Burnout*. Gonçalves, Coelho e Silva, Cruz, Torregrosa, & Cumming (2010) verificaram correlações entre a orientação motivacional para a Tarefa e o empenho, e da orientação para o Ego e Tarefa com a convenção. Tal reforça a ideia que o contexto exerce fortes efeitos no desenvolvimento do jovem e, por isso, existe a necessidade de estar mais atento à forma como os adultos (e.g., treinadores, pais) promovem a participação desportiva dos jovens.

As variações nas Fontes de satisfação de acordo com a época acabam por ser mais preocupantes quando se associa uma redução do factor Compromisso das Atitudes desportivas. Com o final da época, os atletas podem percepcionar menores níveis de compromisso e esforço no desporto devido à impossibilidade de alcançar patamares superiores na competição. Os dados levam-nos a supor que no final da época é um período em que alguns dos atletas passam por um período de reflexão sobre os resultados alcançados e as competências no desporto e na escola. Além disso, é natural que os sentimentos e emoções vividas na prática do desporto sejam alvo de reflexão e ponderação e, conseqüentemente, a possibilidade de manutenção neste contexto.

O aumento dos níveis de batota do início para o final da época pode ser devido à promoção de um ambiente motivacional orientado para o Ego (Gonçalves et al., 2010). Isto pode reflectir valores e comportamentos de outros indivíduos envolvidos no contexto desportivo, designadamente, o ênfase dado à vitória pelos treinadores (Miller, Roberts, & Ommundsen, 2004). Os jovens atletas podem conceber e reconhecer que o recurso à batota e antidesportivíssimo podem ser meios propícios para alcançarem melhores resultados, a vitória, o benefício da sua equipa. No entanto, os treinadores e os professores devem ter em atenção que a batota também está associada com comportamentos anti-sociais em relação aos oponentes mas também para com os colegas (Kavussanu, Stanger, & Boardley, 2013). A falta de diferenças nas atitudes negativas, de acordo com a idade, vai de encontro com o verificado por Proios (2013), que refere “a idade cronológica não pode providenciar índices

proximais ou processos ligados ao desenvolvimento moral” (p.16). O desenvolvimento moral tem diversas fontes de influências, pelo que o indivíduo ao longo do seu desenvolvimento tem disposições para interagir em processos proximais, que não se prendem apenas com o factor idade. Contudo, o presente estudo revela que com a idade há uma redução das atitudes pró-sociais e positivas, o que nos leva a sugerir que o nível de especialização e a experiência desportiva no futebol jovem tem efeitos negativos no desenvolvimento moral do indivíduo. É de todo pertinente desenvolver estudos longitudinais para perceber as variações no decorrer do envolvimento desportivo do jovem atleta.

Já Cecchini et al. (2007) verificaram que através de um estudo de intervenção que um programa de promoção do *Fair Play* reduziu a opinião dos atletas para o “jogar duro”, comportamentos agressivos, protestos e infracções às regras. Estes autores também referem que tal programa de intervenção também aumenta a satisfação dos atletas. Nesta perspectiva, o presente estudo vem reforçar a ideia de necessidade de que no decorrer da época desportiva devem-se promover valores e atitudes pró-sociais e éticas.

Os resultados revelam uma ligação inesperada entre os Activos, Valores positivos, Identidade positiva e Comunidade e as atitudes negativas, Batota e Antidesportivismo, as quais visam aumentar a performance da equipa através de vantagem injustiça perante o adversário. Uma vez que os Valores positivos são referentes à valorização da honestidade, ajudar, respeitar e servir outros coloca-se em causa qual a perspectiva dos atletas sobre a quem se deve direccionar tais valores, se à sua comunidade local, e deste modo aos microcontextos onde este se insere, ou se deve, enquanto cidadão pleno vivenciar e pautar-se por tais valores perante os restantes membros contexto desportivo e da sociedade em geral. Os jovens futebolistas que demonstrem Atitudes desportivas positivas podem percepcionar que a adopção deste tipo de atitudes no decorrer da prática desportiva pode contribuir para aumentar a performance da equipa, e por esta razão eles também passem a aceitar melhor as atitudes negativas dos seus companheiros. Estes resultados vêm reforçar o estudo de Kavussanu, Stanger e Boardley (2013), os quais referiam que estes resultados inesperados podiam ser randomizados e que talvez não fossem replicados em futuros estudos. Deste modo surgem as questões relativamente à percepção do atleta: a) da aceitação de tais atitudes e comportamentos pelos companheiros de equipa, treinadores e pais; b) dos seus valores e atitudes e as reais atitudes e comportamentos socialmente negativos; c) da transferência de valores e atitudes pró-sociais adquiridas em contexto desportivo para outros contextos da vida.

As variações verificadas neste estudo reiteram os efeitos provenientes do cronossistema (tempo) do modelo PPCT de Bronfenbrenner (1999), no qual se defende que o envolvimento durante longos períodos de tempos nos contextos, como é o caso do desporto, tem efeitos no desenvolvimento dos jovens. Este estudo reforça a preocupação com o processo de implementação dos programas desportivos, principalmente para crianças e jovens, em Portugal. As fontes de influência dos pais e de outros adultos na criança em desenvolvimento revelam-se importantes na forma como o indivíduo se envolve no desporto.

No estudo apresentado no capítulo 1 verificou-se que os clubes não implementam, na prática, programas desportivos ou processos de avaliação com o objectivo de promover o desenvolvimento do indivíduo, apesar da referência no seu discurso sobre os benefícios da prática desportiva no clube. Os resultados competitivos são os dados mais exactos e menos subjectivos sendo facilmente definidos como os objectivos para as equipas e clube. A implementação do programa de promoção de activos de desenvolvimento, valores e atitudes desportivas, e a realização da respectiva avaliação e apresentação de resultados é um processo mais complexo. Wells e Arthur-Banning (2008) defendem que o recurso aos Modelos Lógicos (referido no Capítulo 2) pode contribuir para implementar projectos e gerir as actividades das organizações desportivas e das suas instalações, de um modo facilmente compreendido pelos patrocinadores ou membros. A utilização de um modelo Lógico pode providenciar uma representação visual de como o programa funciona, ligando os objectivos deste aos resultados pretendidos.

Neste sentido, somos da opinião que os clubes devem desenvolver programas desportivos com o objectivo de promover o desenvolvimento de competências sociais e, e realizar a respectiva avaliação da sua execução. O clube enquanto organização fornecedora de desporto tem a responsabilidade de fomentar um trabalho no microsistema, que é o processo de treino e competição, orientado para o objectivo almejado. Pelo que os seus sistemas de avaliação do desempenho do trabalho desenvolvido devem ir além da análise dos resultados desportivos, mas sim o desenvolvimento do jovem atleta enquanto indivíduo e futuro cidadão pleno. No microsistema de treino são os treinadores os adultos modelos e líderes do grupo, pelo que os seus comportamentos, atitudes e valores podem influenciar os seus atletas. Com o intuito de contribuir para um correcto desenvolvimento dos jovens indivíduos os treinadores devem dar mais ênfase a um ambiente motivacional orientado para a mestria, uma vez que

este está relacionado com a aprendizagem, desenvolvimento, progressão individual e desportivismo (Miller et al., 2004).

Se o desporto se apresenta como um contexto com potencial para promover o desenvolvimento positivo do jovem e, ao mesmo tempo, diminuir comportamentos de risco, torna-se por isso importante a implementação de programas que visem o objectivo do desenvolvimento positivo dos jovens atletas, proporcionando-lhes ao mesmo tempo satisfação nas suas experiências. No entanto, não nos podemos esquecer que o fornecimento da prática desportiva é feito com base em modelos de competição, recorrendo-se à avaliação dos programas de acordo com os resultados competitivos obtidos. Neste sentido, será interessante analisar e comparar, no futuro, atletas que competem nos escalões máximos nacionais, em clubes com finalidades de performance, e atletas de escalões mais baixos, de clubes de índole recreacional.

Como todas as investigações, a presente pesquisa demonstra algumas limitações, uma vez que existem algumas diferenças inter-individuais que não foram completamente explicadas por este modelo. Crê-se ainda que será interessante, no futuro, aumentar o número de participantes e ter participantes de ambos os sexos. Além disso, também se deverá analisar os efeitos do estatuto sócio-económico, da percentagem de vitórias-derrotas e o do clima motivacional do ambiente de prática nas atitudes, valores e satisfação dos jovens atletas.

48

CONCLUSÃO

O presente estudo reforça as preocupações com a promoção de um ambiente desportivo apropriado para o desenvolvimento positivo. Com o decorrer da época os atletas demonstram uma variação negativa no desenvolvimento de competências sociais. A aquisição de atitudes e valores pro-sociais e Activos de desenvolvimento são importantes para potenciar uma adulez de sucesso e uma melhor sociedade.

O desporto pode contribuir para o desenvolvimento do indivíduo, mas também surte efeitos negativos, com a família e a comunidade a desempenharem um papel importante no acompanhamento das vivências no desporto e no processo de desenvolvimento do jovem. O trabalho em rede, em parceria entre treinadores, dirigentes, pais e escola é necessário para potenciar o desenvolvimento de competências sociais do indivíduo e, conseqüentemente, uma sociedade mais justa, democrática e participativa.

As organizações desportivas podem ajudar a promover valores e comportamentos positivos no decorrer da prática desportiva, devendo os treinadores, dirigentes e colegas, que

participam neste processo, orientar-se para os objectivos de promoção de satisfação, valores e atitudes pró-sociais, autonomia e auto-estima. Podemos referir que o desporto tem um efeito no desenvolvimento humano, podendo ser negativo ou positivo. Por isso é importante que os actores deste contexto tenham consciência sobre tal e que saibam o que fazer para promover o desenvolvimento do indivíduo.

CAPITULO 4

OS EFEITOS DOS CONTEXTOS NO DESENVOLVIMENTO DE VALORES E ATITUDES SOCIAIS DE JOVENS FUTEBOLISTAS

INTRODUÇÃO

A participação no desporto pelos jovens demonstra um potencial para influenciar as vivências dos atletas, contribuindo para o seu desenvolvimento. No entanto, como verificado no estudo anterior (Capítulo 3) existem alguns efeitos negativos do envolvimento dos jovens atletas, como por exemplo, o aumento dos níveis de Batota.

É, essencialmente, através do desporto de competição que os jovens atletas se envolvem no desporto e adquirem uma visão moral que pode ser transposta para outros contextos. Se considerarmos que é aceitável quebrar as regras no desporto, porque não fazer o mesmo na escola e na vida em sociedade (e.g., não cumprir as leis civis ou fugir aos impostos)?

A competição desportiva é ética, uma vez que a competição orientada para a excelência e para a satisfação obtida por alcançar esta, envolve respeito mútuo entre participantes e pelo processo desportivo. Sem este respeito não existe competição apenas descompetição (Shields & Brendemeier, 2012).

O desenvolvimento do indivíduo e a potencialização do seu desenvolvimento são influenciadas por características pessoais do sujeito e por factores contextuais (Bronfenbrenner, 1999). O jovem futebolista está mais susceptível a desencadear processos proximais nos contextos imediatos onde se insere (e.g., escola, clube). Já o macrocontexto onde o jovem está inserido também influencia o seu desenvolvimento através de factores culturais, políticos e económicos. Actualmente em Portugal decorre o programa do Plano Nacional da Ética no Desporto, uma vez que se considera “que o mais importante no Desporto são os valores, as relações humanas, a inclusão social, a luta codificada, a igualdade de oportunidades, que transformam esta prática num laboratório social” (Lima & Marcolino, 2012, pg. 31). Apesar das intensões políticas de âmbito nacional é de realçar a problemática da especificidade contextual dos locais e organizações onde se desenvolvem e decorrem os programas desportivos (Comissão Europeia, 2007).

As alterações que o desporto tem sofrido nas últimas décadas, com o aumento da profissionalização das organizações desportivas fornecedoras de serviços desportivos (Doherty, 2006; Slack, 1997; Thibault et al., 1991), com especial ênfase na modalidade do futebol, tem vindo a reforçar a importância económica das vitórias.

É suposto que a equipas lutem para alcançar a vitória, no entanto por vezes há equipas que preferem negar aos adversários a oportunidade de competir pelo jogo, como aconteceu na Australian Football League, com uma equipa a realizar uma série de passes nas linhas mais recuadas, especialmente designados para eliminar a possibilidade do adversário marcar (Price, 1998). É comum verificar situações similares no âmbito do Futebol, com algumas equipas a colocarem o jogador com a pose de bola num dos cantos ofensivos do campo de jogo.

Estas acções visam negar aos adversários oportunidades para lutar pelo jogo, utilizando a contagem decrescente do tempo de jogo a seu favor, assegurando-se a vitória antes do jogo terminar oficialmente. Apesar disto não ir contra ao enquadramento legal do jogo, apresenta-se como uma negação do princípio inserido na noção de boa competição desportiva (Price, 2000). Isto leva à questão se a percepção do valor de ganhar estará a subverter a natureza do desporto?

Lorente, Peretti-Watel e Grelot (2005) verificaram que apesar da preocupação com a saúde pública, especificamente, do consumo de substâncias ilícitas no contexto desportivo, os atletas recorrem ao consumo de cannabis para aumentar a performance. A associação entre a orientação motivacional para a performance, para a vitória, com aceitação de comportamentos de dopagem revelam efeitos negativos do envolvimento na prática desportiva (Petróczi, 2007). Os atletas, principalmente, os de elite, não vivem num vácuo económico, social ou cultural, e a cultura desportiva que dá ênfase à sociabilização e à competição. A aceitação do uso de drogas ilícitas para potenciar a performance é superior em atletas de elite, sujeitos a um contexto mais orientado para o desempenho desportivo (Smith et al., 2010)

Além deste tipo de comportamento, existe o caso da falta intencional, normalmente, referida de falta “cirúrgica” ou falta profissional, com o intuito de rapidamente impedir um ataque da equipa adversária. Recorre-se assim ao quebrar das regras para parar o jogo apesar das consequências que daí advenham. Tais comportamentos em vez de serem vistos como não éticos e contra o espírito da competição são vistos como “profissionais” (Price, 2000), e como tal, é algo esperado e aceitável dos atletas. Kreager (2007) verificou que os desportos de contacto, como é o caso do futebol, estão positivamente associados com lutas reais dos jovens

masculinos. Este autor ainda refere que tal associação só é mediada pela introdução na participação amigável de futebol.

A prática do desporto pode levar aos jovens a sentirem uma transformação pessoal quando entram em jogo ou competição. Estes até podem ser simpáticos e gentis no seu dia-a-dia, no relacionamento com os outros, mas tornam-se ferozes e agressivos em situação de jogo. Podem-se apresentar como altruístas em casa e ser egoístas no campo (Shields & Bredemeier, 2009)

Como foi verificado no estudo apresentado no Capítulo 1, existem diferenças no que respeita às finalidades dos clubes, referidas pelos dirigentes, bem como, dos recursos humanos e espaciais para potencializar o desenvolvimento eclético do jovem atleta, revelando uma desigualdade de oportunidades entre os atletas dos diferentes contextos.

Fraser-Thomas, Côté e MacDonald (2010) verificaram que atletas de cidades pequenas (<500.000 habitantes) apresentam mais Activos de desenvolvimento, nomeadamente, Apoio, Compromisso para aprendizagem e Limites e expectativas. No referido estudo os resultados demonstram que os atletas das grandes cidades têm maior propensão ao *dropout*, discutindo-se a possibilidade das comunidades maiores promoverem mais vivências e resultados negativos. Partindo dos dados obtidos do estudo referido, coloca-se o problema de o clube profissional se apresentar com melhores recursos, mas o seu ênfase na performance e a sua densidade demográfica poderá originar diferenças, quando comparando os atletas deste clube com os dos clubes amadores, nos Activos de desenvolvimento, Fontes de Satisfação e nas Atitudes desportivas.

A aplicação do modelo de Activos de desenvolvimento no contexto desportivo, bem como, a avaliação da promoção destes, pode servir para potenciar o desenvolvimento do jovem atleta e providenciar aos pais, investidores e patrocinadores resultados do processo. Este modelo visa a promoção de factores preditores de sucesso na vida adulta e resiliência e a prevenção de comportamentos de risco (Search Institute, 2005).

O facto de praticar desporto em comunidades pequenas pode oferecer mais oportunidades para o desenvolvimento das relações com outros adultos e colegas, promovendo uma sensação de pertença e uma melhor integração do programa na comunidade (Côté, Young, North, & Duffy, 2007; MacDonald, Cheung, Côté, & Abernethy, 2009). Além de que, os programas desportivos de comunidades pequenas podem ser mais recreacionais e focar-se mais em metas de desenvolvimento pessoal e de habilidades,

enquanto os programas de grandes cidades podem ser mais focados na recompensa e na performance (Fraser-Thomas et al., 2010).

É reconhecido que os alunos motivados intrinsecamente aprendem mais depressa e processam a informação de modo mais profundo, quando comparados com outros alunos. Eles são mais capazes de se concentrar e manterem-se envolvidos durante mais tempo em tarefas mais desafiantes (D. Shields & Bredemeier, 2007). Como referido no capítulo anterior, é recorrente a discussão sobre os conceitos satisfação, flow e prazer no desporto. No entanto o prazer não é um sinónimo de satisfação. E a diversão é puramente motivação intrínseca, enquanto a satisfação provem de fontes motivacionais intrínsecas e extrínsecas. Apesar de se referir que a satisfação é uma emoção positiva (Kimiecik & Harris, 1996), tal continua a ser discutível, uma vez que a emoção tende a ser vivida no momento enquanto a satisfação perdura no tempo (D. Shields & Bredemeier, 2007). O estudo da Satisfação no desporto é de interesse visto que esta se relaciona negativamente com o *dropout* (Burns, Jasinski, Dunn, & Fletcher, 2012; Cervelló et al., 2007; Goodger et al., 2007; Smith, Gustafsson, & Hassmén, 2010) e com o *burnout* (Coakley, 1992; Goodger et al., 2007), e positivamente com a identidade social (Burns et al., 2012) e o compromisso e empenho no desporto (Beaton, Funk, Ridinger, & Jordan, 2011; Movsessian, 1993; Scanlan, Simons, Carpenter, Schmidt, & Keeler, 1993). A satisfação atlética também apresenta um relação positiva com a identidade social. Pelo que os atletas que não têm identidades fora do campo de jogo podem correr maior risco de descompetição do que os que apresentam interesses e compromissos mútuos.

As preocupações sobre como são desenvolvidos os processos de treino e competição em diferentes contextos de práticas, leva-nos ao presente estudo, o qual pretende: a) analisar os efeitos do contexto de prática nos Activos de desenvolvimento, Fontes de satisfação e Atitudes no desporto; b) examinar os efeitos do envolvimento no futebol jovem no decorrer de uma época desportiva nos constructos referidos e c) averiguar as influências da idade nos mencionados constructos.

METODOLOGIA

PARTICIPANTES

Estudo contou com a participação de 135 jogadores de futebol com idades entre os 12 e os 18 anos ($M=15.68$, $SD=1.63$), de três contextos diferentes (um clube profissional, dois clubes amadores – um de meio rural e outro de meio urbano) da região centro de Portugal.

Este estudo teve a aprovação do respectivo comité de ética da Faculdade dos investigadores. Os participantes apresentaram a autorização parental para participarem no estudo. Os questionários foram preenchidos nos minutos antecedentes ao início do treino, no início da época e no final da época.

INSTRUMENTOS

Development Assets Profile (DAP) – Search Institute (2005)

Este instrumento foi traduzido e validado para a versão portuguesa por Santos e Gonçalves (2012). O Perfil de Activos de Desenvolvimento mede os activos internos e externos através de uma perspectiva pessoal e outra contextual. Na perspectiva pessoal é possível avaliar os seguintes factores: apoio, limites e expectativas, compromisso para aprendizagem, valores positivos e identidade positiva. Enquanto na perspectiva contextual estão integrados os factores: social, familiar, escola e comunidade.

O exemplo de um item que avalia o factor externo apoio é “Eu tenho adultos que são bons exemplos para mim”, enquanto para o factor interno identidade positiva temos o item “Eu sinto bem comigo mesmo”. A versão portuguesa apresentou boa consistência interna, variando de .69 a .82.

Sources of Enjoyment in Youth Sport Questionnaire (SEYSQ) – Wiersma (2001)

Santos e Gonçalves (2012) traduziram e validaram este instrumento para português. Na versão portuguesa este instrumento mede os seguintes factores: Envolvimento parental positivo, Competências autorreferenciadas, Competências referenciadas por outros e Reconhecimento, Esforço Exercido, Afiliação com Pares.

Sport Attitudes Questionnaire (SAQ-2) – Lee (1996)

Este instrumento foi traduzido e validado para a população portuguesa por Gonçalves, Coelho e Silva, Chatzisarantis, Lee & Cruz (2006), avaliando a batota, antidesportivíssimo, empenho e convenção. 67 a .90.

ANÁLISE DE DADOS

Para a assumpção da normalidade foi utilizado o teste Kolmogorov-Smirnov, com a correcção da significância de Lilliefors e procedeu-se à inspecção visual dos plots de normalidade. A estatística descritiva foi realizada para todas as medidas, no início e no final da época. As mudanças nos Activos de desenvolvimento, Fontes de satisfação e Atitudes desportivas resultantes do envolvimento desportivo durante uma época, da idade e do

contexto desportivo foram examinadas através de um modelo de dois níveis. A medida sucessiva ao longo da época de cada participante foi definida como a trajectória de crescimento individual e erro aleatório (Nível 1). No nível2 foram examinadas as diferenças entre as trajectórias entre grupos de indivíduos. Procedeu-se ao intervalo de confiança de 95% para cada efeito, com o intuito de realizar deduções acerca dos valores reais do efeito do treino na população (Batterham & Hopkins, 2006). O desvio padrão entre sujeitos para cada variável dependente foi utilizado para converter os valores absolutos das variações em variações estandardizadas da média (Cohen). A variação estandardizada mais baixa foi assumida como 0.20 (Cohen, 1988). A correlação de *Pearson* foi executada. O valor de significância foi definido como $p < 0.05$. Para a análise estatística utilizou-se o programa SPSS 20.

RESULTADOS

A tabela 1 apresenta as variações entre o momento 1 e 2 da época desportiva de 2011-2012. A análise multilevel foi realizada separadamente para os constructos dos Activos, Satisfação e Atitudes.

Tabela 1. Variações dos valores médios compostos nos Activos de desenvolvimento, Fontes de Satisfação e Atitudes desportivas como consequência do treino.

	Pré-época	Pós-época	Variações da média. 95% CL (%)	p	Inferências práticas
Activos					
Apoio	28.18	27.90	-0.28 (-1.04 to 0.49)	.475	Provavelmente trivial
Limites e Expectativas	28.62	29.01	0.40 (-0.31 to 1.10)	.270	Provavelmente trivial
Compromisso para a Aprendizagem	42.91	41.65	-1.26 (2.44 to -0.08)	.036	Possível malefício
Valores positivos	37.78	37.33	-0.44 (-1.84 to 0.95)	.531	Provavelmente trivial
Identidade positiva	28.67	29.27	0.59 (-0.50 to 1.68)	.285	Provavelmente trivial
Social	26.60	26.38	-0.22 (-1.08 to 0.64)	.611	Provavelmente trivial
Família	28.97	28.99	0.02 (-0.71 to 0.75)	.960	Provavelmente trivial
Escola	31.23	32.12	0.89 (-0.21 to 1.98)	.110	Provavelmente trivial
Comunidade	34.32	34.61	0.28 (-0.88 to 1.45)	.632	Provavelmente trivial
Fontes de Satisfação					
Comp. Autoreferenciadas	4.30	4.21	-0.09 (-0.19 to 0.00)	.058	Provavelmente trivial
Comp. Referenciadas por outros e reconhecimento	4.45	4.61	0.17 (0.00 to 0.33)	.045	Possível benefício
Esforço exercido	4.47	4.32	-0.15 (-0.25 to -0.05)	.004	Possível malefício
Afiliação com Pares	4.75	4.71	-0.03 (-0.13 to 0.07)	.503	Provavelmente trivial
Envolvimento parental positivo	4.47	4.40	-0.07 (-0.22 to 0.07)	.320	Provavelmente trivial
Atitudes					
Batota	2.05	2.37	0.32 (0.09 to 0.55)	.006	Possível malefício
Anti-desportivismo	3.54	3.53	-0.01 (-0.22 to 0.20)	.918	Provavelmente trivial

Convenção	6.17	6.03	-0.14 (-0.30 to 0.01)	.068	Provavelmente trivial
Empenho	5.12	4.96	-0.16 (-0.26 to -0.05)	.005	Possível malefício

Os Activos não apresentam variação nos resultados compostos médios. Apenas se verifica uma redução no Compromisso para a aprendizagem reflectindo efeitos negativos. Os factores do construto Satisfação são os demonstram maior variação com o decorrer da época. Existem variações positivas ($p < 0.05$) nas respostas nas Competências referenciadas por outros e reconhecimento, indicando possíveis efeitos benéficos. No entanto, o factor Esforço exercido apresenta variações dos níveis de resposta com possíveis efeitos negativos. Relativamente às Atitudes, estas apresentam variações significativas na Batota e no Empenho, indicando efeitos prejudiciais. A média composta aumentou na Batota e diminui no Empenho.

Apesar de não se verificarem alterações nas respostas, a variabilidade inter-individual foi explicado pelo contexto de prática nas respostas para o Apoio, Família e Comunidade ($p < 0.05$). Os atletas do contexto Profissional tendem a apresentar valores de resposta mais baixos do que os atletas dos outros contextos, sugerindo possíveis efeitos negativos do contexto, que podem ser resultado das exigências sociais do envolvimento da prática desportiva nos níveis mais altos de competição de futebol jovem (Tabela 2).

Verifica-se que a idade explica a variação inter-individual das respostas nos Limites e Expectativas, Compromisso para a aprendizagem, Valores Positivos, Social, Escola e Comunidade. Os atletas mais jovens apresentam os valores de resposta mais baixo. Com o decorrer da época desportiva, após exposição ao processo de treino e competição,

Foi observado que a idade explica a variação das respostas inter-individuais dos factores Limites e Expectativas, Compromisso para aprendizagem, Valores positivos, Social, Escola e Comunidade. Os atletas mais jovens tendem a apresentar valores mais baixos ao longo da época desportiva nas respostas nos Limites e Expectativas, Compromisso para a aprendizagem, Valores positivos e Comunidade. Os atletas mais velhos apenas apresentam valores superiores da resposta nos activos Social e Escola. Com o decorrer da época, após exposição ao processo de treino e competição, verificam-se alterações nas respostas no Compromisso para a aprendizagem.

Tabela 2. Análise de regressão multilevel ao treino para as variáveis dos Activos de desenvolvimento dos atletas de futebol

	Apoio	Limites e Expectativas	Compromisso para a aprendizagem	Valores Positivos	Identidade Positiva	Social	Família	Escola	Comunidade
Fixed Explanatory Variables									
<i>Exponent value (standard error)</i>									
Constante	28.18 (2.87)**	28.62 (2.72)**	42.91 (4.67)**	37.78 (4.47)**	28.67 (3.75)**	26.60 (2.92)**	28.97 (2.68)**	31.23 (3.69)**	34.32 (4.30)**
Época	-0.28 (0.39)	0.40 (0.36)	-1.26 (0.60)*	-0.44 (0.71)	0.59 (0.55)	-0.22 (0.44)	0.02 (0.37)	0.89 (0.55)	0.28 (0.59)
Clube Profissional	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Clube Amador Urbano	1.76 (0.75)*	-0.23 (0.72)	-0.78 (1.23)	-1.73 (1.17)	-0.43 (0.99)	1.11 (0.77)	1.52 (0.71)*	0.03 (0.97)	-3.96 (1.13)**
Clube Amador Rural	1.65 (0.75)*	0.83 (0.72)	0.06 (1.23)	-0.27 (1.17)	0.06 (0.98)	1.05 (0.76)	1.36 (0.70)	1.49 (0.97)	-1.08 (1.13)
Idade	-0.24 (0.19)	-0.62 (0.18)**	-1.35 (0.31)**	-1.12 (0.29)**	-0.44 (0.25)	-0.21 (0.19)	-0.32 (0.18)	-0.64 (0.24)**	-1.07 (0.28)**
Variance-Covariance Matrix of Random Variables									
<i>Level 1 (within individuals)</i>									
Resíduos	6.00 (1.44)**	4.66 (1.23)**	11.97 (3.46)**	26.81 (4.82)**	14.64 (2.95)**	9.34 (1.82)**	5.71 (1.31)**	15.17 (2.94)**	14.55 (3.36)**
<i>Level 2 (between individuals)</i>									
Resíduos	8.29 (1.61)**	7.92 (1.47)**	24.29 (4.36)**	14.15 (3.95)**	11.97 (2.78)**	6.99 (1.66)**	7.02 (1.41)**	11.08 (2.67)**	18.12 (3.63)**
-2 Restricted Log Likelihood	1508.677	1473.499	1752.755	1786.281	1674.040	1544.389	1478.463	1670.094	1728.171
Akaike's Information Criterion	1512.677	1477.499	1756.755	1790.281	1678.040	1548.389	1482.463	1674.094	1732.171

** p < 0.01; * p < 0.05

Os resultados da análise multilevel para as Fontes de Satisfação (tabela 3) revelam que as alterações com o treino foram removidas quando a idade foi controlada, com excepção da Afiliação com os pares. Os jovens atletas tendem a apresentar níveis de resposta mais baixos. Os resultados revelam diferenças entre contextos, com os atletas do clube profissional a apresentarem valores de resposta mais baixos.

Relativamente às Atitudes desportivas (tabela 4), as alterações nas respostas com o treino na Batota foram removidas quando controlando o contexto ou o grupo etário. Contudo, o contexto e o grupo etário estão relacionados com a variabilidade inter-individual nas respostas iniciais dos factores Convenção e Empenho. Os atletas mais velhos tendem a apresentar valores mais altos nestes factores. Além disso, os atletas do clube profissional apresentam valores de resposta mais baixos nos referidos factores, quando comparados com os atletas dos clubes amadores.

Ainda testamos outro modelo de interacção entre o contexto e o decorrer da época, bem como, a interacção entre o grupo etário e o decorrer da época, nos quais não se verificaram diferenças estatisticamente significativas para os Activos de Desenvolvimento, Fontes de Satisfação e Atitudes desportivas.

No entanto, verifica-se que ainda existe variância inter-individual que não foi completamente explicada pelos modelos das variáveis aplicadas neste estudo. Um dos factores que pode contribuir para tal variância é o estatuto socioeconómico do atleta.

Tabela 3. Análise de regressão multilevel ao treino para as Fontes de Satisfação dos atletas de futebol

	Competências auto-referenciadas	Competências referenciadas por outros e Reconhecimento	Esforço exercido	Afiliação com os pares	Envolvimento parental positivo
Fixed Explanatory Variables					
<i>Exponent value (standard error)</i>					
Constante	4.30 (0.29)**	4.45 (0.58)**	4.47 (0.35)**	4.75 (0.34)**	4.47 (0.55)**
Época	-0.09 (0.05)	0.17 (0.08)*	-0.15 (0.05)**	-0.03 (0.05)	-0.07 (0.07)
Clube Profissional	-	-	-	-	-
Clube Amador Urbano	0.42 (0.08)**	0.01 (0.15)	0.45 (0.09)**	0.51 (0.09)**	0.23 (0.15)
Clube Amador Rural	0.35 (0.08)**	0.24 (0.15)	0.43 (0.09)**	0.37 (0.09)**	0.25 (0.15)
Idade	-0.01 (0.02)	-0.06 (0.04)	-0.02 (0.02)	-0.05 (0.02)*	-0.04 (0.04)
Variance-Covariance Matrix of Random Variables					
<i>Level 1 (within individuals)</i>					
Resíduos	0.14 (0.02)**	0.32 (0.07)**	0.12 (0.02)**	0.12 (0.02)**	0.22 (0.05)**

	<i>Level 2 (between individuals)</i>				
Resíduos	0.05 (0.02)**	0.029 (0.07)**	0.10 (0.02)**	0.10 (0.02)**	0.31 (0.06)**
-2 Restricted Log Likelihood	347.131	674.726	407.659	399.390	634.949
Akaike's Information Criterion	351.131	678.726	411.659	403.390	638.949

** p < 0.01; * p < 0.05

Tabela 4. Análise de regressão Multilevel ao treino das Atitudes desportivas dos jovens futebolistas

	Batota	Anti-desportivismo	Convenção	Empenho
Fixed Explanatory Variables				
<i>Exponent value (standard error)</i>				
Constante	2.05 (0.81)*	3.54 (0.63)**	6.17 (0.56)**	5.12 (0.37)**
Época	0.32 (0.12)**	-0.01 (0.11)	-0.14 (0.08)	-0.16 (0.06)**
Clube Profissional	-	-	-	-
Clube Amador Urbano	-0.18 (0.21)	-0.11 (0.17)	0.56 (0.15)**	0.44 (0.10)**
Clube Amador Rural	-0.08 (0.21)	0.14 (0.17)	0.76 (0.15)**	0.30 (0.10)**
Idade	0.05 (0.05)	-0.01 (0.04)	-0.17 (0.04)**	-0.06 (0.02)*
Variance-Covariance Matrix of Random Variables				
<i>Level 1 (within individuals)</i>				
Resíduos	0.63 (0.13)**	0.67 (0.11)**	0.25 (0.06)**	0.14 (0.03)**
<i>Level 2 (between individuals)</i>				
Resíduos	0.59 (0.13)**	0.22 (0.08)**	0.30 (0.06)**	0.12 (0.03)**
-2 Restricted Log Likelihood	855.699	767.403	649.457	449.155
Akaike's Information Criterion	859.699	771.403	653.457	453.155

** p < 0.01; * p < 0.05

DISCUSSÃO

O presente estudo permitiu verificar influências negativas do envolvimento desportivo durante uma época de futebol em algumas das variáveis medidas. Além disso, verificou-se que o contexto de prática desportiva, isto é os clubes e meio demográfico, é um factor que influencia algumas das variáveis analisadas da Satisfação e Atitudes no desporto que são relevantes para um desenvolvimento positivo do jovem atleta. Verificaram-se ainda, diversos efeitos negativos da idade, principalmente, na dimensão dos Activos de desenvolvimento e Atitudes desportivas.

Um dos problemas da actualidade relativamente à prática desportiva prende-se com as suas influências positivas no desenvolvimento dos jovens, com vista a promover cidadãos com sucesso pessoal e uma melhor sociedade. No entanto, a preocupação da promoção de valores e atitudes desportivas é reforçada com o presente estudo, uma vez que com o desenrolar da época desportiva existe uma tendência para aumentar os níveis de Batota. O interesse do estudo das atitudes desportivas, prende-se com o facto de tais acções levarem a ganhar vantagem injusta no contexto desportivo e poderem ser transferidas para outros contextos onde o jovem está inserido (e.g., escola, comunidade).

No que respeita às Atitudes no desporto por parte dos jovens atletas é ainda de referir os efeitos do contexto e da idade nos factores de Convenção e Empenho. Contrariamente ao esperado, os atletas dos clubes amadores apresentam maiores valores compostos médios de Empenho que os atletas do clube profissional. Era esperado que os últimos percepcionassem maior empenho e compromisso para o treino e competição de futebol, tendo em conta o nível de competição em que os atletas estão envolvidos e o potencial de uma carreira profissional desportiva. Mais interessante é o facto de que os atletas do clube profissional também demonstram valores compostos médios de Convenção inferiores aos atletas dos outros clubes, sugerindo que estes tem menos atitudes pro-sociais para com os seus adversários e demais agentes envolvidos na prática do desporto (e.g., treinadores e árbitros). A demonstração de níveis superiores de Empenho por parte dos atletas dos clubes amadores leva-nos a sugerir que os atletas estão mais motivados para a prática desportiva nestes contextos, tendo mais interesse em ir aos treinos e competir.

No entanto é de referir que com a idade tanto a Convenção como o Empenho diminuem com a idade. No caso do último, esta pode resultar de outras actividades concorrentes à prática desportiva, como é o caso do grau de exigência a nível escolar,

possibilidade de saídas nocturnas. A idade de ruptura e abandono do futebol é em média pelos 16-17 anos, sendo esta modalidade uma das mais exigentes e onde se considera que o local de competição é especialmente importante (Ministère de La Jeunesse, 2004).

Os atletas de futebol, ao pertencerem a uma equipa, estão sujeitos às regras do grupo de trabalho (Smith et al., 2007). Os pares, treinadores e dirigentes desportivos têm expectativas sobre os comportamentos e atitudes dos atletas de futebol, os quais, ao estarem inseridos numa equipa de futebol têm a tendência de adoptar essas atitudes (Cecchini et al., 2007). Com o decorrer do período competitivo os atletas aumentam os níveis de Batota, o que nos leva a sugerir que os atletas podem considerar estas atitudes como aceitáveis para alcançar a vitória ou melhores resultados classificativos. Outro factor que pode influenciar negativamente o comportamento desportivo dos atletas é a demonstração de fracos comportamentos pelos fãs e adeptos (Shields & Bredemeier, 2009), uma vez que leva o atleta a perceber como aceitável e desejável determinados tipos de comportamentos para com os adversários.

Os efeitos negativos da prática desportiva com o decorrer da época são mais preocupantes quando se associa o aumento da Batota e a diminuição do Empenho dos atletas, pois tal reflecte que os atletas percebem que o caminho para atingir o sucesso não será feito através da mestria e desenvolvimento de competências, mas sim através de atitudes que podem dar vantagem de forma injusta.

Kavussanu et al. (2013) verificaram que existe relação positiva entre as atitudes pró-sociais no desporto e o clima motivacional orientado para a tarefa, a afiliação social e o reconhecimento social. Esta relação leva-nos a sugerir que os atletas que agem de modo pró-social, ajudando o adversário no chão e encorajando e congratulando os companheiros, também tendem a definir o sucesso através de critérios de auto-referência e objectivam o desenvolvimento de relações recíprocas com outros e validar-se através da aprovação social.

A sujeição dos atletas às regras do clube e equipa deve ser feita tendo em atenção de que estas devem ser poucas, básicas, compreensíveis pelos membros da equipa e que estes concordem com elas. Os elementos da equipa devem tornar claro os valores subjacentes e a sua importância no contexto desportivo (e.g., regra – chegar a horas ao treino; valor subjacente – espírito de pontualidade que vai para além de chegar à hora marcada). No entanto, deve ser bem claro e explícito que os treinadores e os dirigentes desportivos não esperam que os atletas adoptem atitudes de batota e anti-desportivismo, indo contra as regras do jogo. Neste sentido, os treinadores, que são considerados líderes dos atletas, devem ter

atenção que enquanto criadores de cultura devem: a) conhecer-se a si próprios (as suas crenças e valores); b) focar-se na relação interpessoal com o atleta (construir relações positivas através de apoio, carinho, empenho, compromisso, confiança, compaixão); c) criar entusiasmo (focar o trabalho no desenvolvimento e apoio mútuo entre os atletas, como são os exemplos de na substituição do atleta os companheiros baterem palmas, apoiarem o esforço mesmo quando não se é bem sucedido); d) construir valores partilhados (quais são as atitudes e valores dos atletas?)

Com o intuito de desenvolver uma coesão do grupo de trabalho, a equipa deve definir no início da época os seus valores, objectivos e falar no plural, “nós”, para reforçar o espírito de equipa); e) desenvolver uma responsabilidade partilhada (as más atitudes de alguns atletas provêm da falta de percepção da desilusão provocada aos colegas, como é o exemplo, as faltas excessivas de um jogador, afectando a equipa); f) ritualização das normas da equipa (reforçar a cultura da equipa e do clube através de rituais, como por exemplo, gala com prémios para reconhecer o esforço, entusiasmo e ética, em vez do melhor marcador).

Relativamente aos Activos de desenvolvimento, este estudo bem reforçar o verificado no estudo anterior e de Benson (2002) relativamente aos efeitos negativos da idade nos Activos. A diminuição do Activo interno, Compromisso para a aprendizagem, pode-se dever à valorização de outras actividades em detrimento daquelas que dizem respeito ao processo de aprendizagem ou à capacidade de leitura e escrita. Uma vez que as medidas deste estudo provêm de respostas auto-percepcionadas, esta diminuição também pode advir de uma comparação do tempo dedicado a tal actividade e os resultados escolares, principalmente com o aproximar do final do ano lectivo. Os dados relativos aos efeitos do decorrer da época no factor Compromisso para a aprendizagem reforçam esta sugestão. Também o interesse pela escola e aprendizagem diminui reflectindo-se neste Activo contextual, pois estes estão positivamente relacionados.

A diminuição dos Limites e expectativas com a idade pode ser fruto da alteração de comportamentos de adultos que se relacionam com o atleta, bem como, a sensação de clareza das regras na escola e em casa. Ao atingir a fase da adolescência o atleta pode ter outras necessidades e interesses que não tinham anteriormente, pelo que é um período de mudanças na relação com os pais e, no caso Português, de transição de nível escolar. As alterações no estilos de comunicação entre pais e atletas tem efeitos nos valores, competências e orientação motivacional dos jovens relativamente à actividade física (Kimiecik & Horn, 2012), pelo que o

comum confronto entre gerações no decorrer do período da adolescência pode influenciar negativamente a intenção de manutenção no desporto.

Neste período da vida os jovens tendem a vivenciar novas experiências em grupo, e sendo o futebol uma modalidade desportiva colectiva, facilita tais vivências. No entanto, é de realçar os efeitos negativos que o grupo pode ter no indivíduo, uma vez que Primack, Fertman, Rice, Adachi-Mejia e Fine (2010) verificaram que atletas de clubes tem maior probabilidade de consumirem tabaco narguilé comparativamente com os atletas colegiais.

Os efeitos negativos da idade nos Valores positivos podem ser influenciados pelo aumento dos anos de prática desportiva, com a assimilação de valores desportivos e de uma identidade atlética negativa (Burns et al., 2012). Neste sentido, os treinadores e pais devem ter em atenção a promoção e o incentivo ao desenvolvimento de uma identidade pessoal do jovem, que não se restrinja ao contexto desportivo e ao facto de ser atleta. Os adultos devem apoiar as iniciativas dos jovens, com regras e limites, mas promovendo a autonomia e a auto-percepção dos jovens de modo a contribuir para o seu desenvolvimento positivo (Fraser-Thomas et al., 2005).

As diferenças de acordo com a idade e entre o Clube Amador Urbano e os outros dois clubes no activo Comunidade. Leva-nos a sugerir que o tempo dedicado ao futebol exige uma dedicação que consome a disponibilidade para se envolverem outras actividades com uma vertente de apoio comunitário e solidariedade. O facto, dos atletas treinarem todos os dias da semana aparenta ser uma das causas para os níveis inferiores da percepção dos atletas deste contexto.

É de realçar os efeitos do contexto em alguns Activos de desenvolvimento, com relevância para o Apoio, uma vez que os atletas dos clubes amadores apresentam valores compostos superiores aos dos atletas do clube profissional. Os atletas do clube amador de contexto urbano apresentaram valores mais altos no Activo de desenvolvimento contextual, Família. No entanto, estes atletas revelaram valores mais baixos do valor composto médio no factor Comunidade.

No que respeita às Fontes de Satisfação verifica-se que com o decorrer da época desportiva há uma tendência para diminuir o Esforço exercido e aumentar as Competências referenciadas por outros e reconhecimento. O que pode reflectir o alcance de um patamar na tabela classificativa, atingir o lugar cimeiro ou ficar afastado da luta pelo título, diminuindo a necessidade de dedicar esforço para a aquisição da vitória. No entanto, o aumento das

Competências referenciadas por outros e reconhecimento pode ser produto do reconhecimento social pela sua actividade enquanto atleta (Weigand, Carr, Petherick, & Taylor, 2001).

Contrariamente ao verificado por Boyd e Yin (1996) e Murcia et al. (2007) não se verificam alterações de acordo com a idade nos factores das Fontes de Satisfação, com excepção a Afiliação com pares. Isto pode reflectir que os jovens atletas podem manter-se na prática desportiva, desde do nível de recreação até à especialização, por outras razões para além de estar com amigos. Os jovens futebolistas podem manter-se na prática desportiva pelo prazer de jogar futebol, e ter um ambiente de treino e competição agradável, sem desenvolver fortes laços de amizade com os outros atletas. Os atletas ao progredirem nos escalões de formação também o fazem no sistema educativo, pelo que morarem e frequentarem escolas, bem como, terem à sua disponibilidade outras actividades pode limitar o desenvolvimento de laços de amizade entre os elementos de equipa. No entanto, isto não é impeditivo que os jogadores da equipa, em situação de competição, unam-se em torno do mesmo objectivo. Contudo, os treinadores devem estar atentos às relações entre os atletas, com o intuito de promover uma maior coesão grupal, contribuindo para a melhoria do ambiente de prática (Stephenson & Jowett, 2009).

É de realçar os efeitos do contexto nas Fontes de Satisfação, com os atletas dos Clubes Amadores a apresentarem valores compostos médios superiores aos dos atletas do clube profissional nos factores Competências autorreferenciadas, Esforço exercido e Afiliação com pares. Isto pode reflectir os efeitos nos dois primeiros factores é que os atletas que participam nos Clubes Amadores têm maior percepção de competências pessoais e de mestria devido a um clima motivacional orientado para a mestria, devido às finalidades dos clubes. No entanto, no presente estudo não foi analisada a percepção do clima motivacional. Outro aspecto que pode influenciar estes factores é o desenvolvimento da capacidade de auto-percepção do atleta, que comumente é baseada na comparação com os outros, pelo que se os companheiros de equipa forem menos capazes e competentes o atleta pode se perceber como bom atleta, quando na realidade não é. Enquanto no caso da Afiliação com os pares, tal situação leva-nos a reforçar a ideia de que os atletas consideram que é possível praticar desporto, mesmo com pessoas que não se têm grande afectiva e relação interpessoal. Este estudo reforça o anterior, apresentado no Capítulo 3, no que respeita às variações das Competências referenciadas por outros e reconhecimento e do Esforço exercido com o decorrer da época desportiva.

A promoção de um clima motivacional orientado para a mestria contribui para maiores níveis de satisfação, motivação e autonomia dos atletas, levando a um maior envolvimento dos atletas na prática desportiva (Braithwaite et al., 2011; Mageau & Vallerand, 2003; Molinero et al., 2006). Neste sentido, os dados sugerem que os atletas do clube profissional, ao apresentar menores valores em alguns Factores de satisfação podem estar sujeitos a um clima motivacional orientado para a performance. Isto reforça a preocupação como o modo de implementação do processo de treino que, no caso do clube profissional apresenta-se mais estandardizado, e os efeitos do clima motivacional promovido pelos treinadores. Com esta preocupação Walling, Duda e Chi (1993) desenvolveram o instrumento Questionário do Clima Motivacional Percepcionado no Desporto (Perceived Motivational Climate in Sport Questionnaire – PMSCQ), o qual foi melhorado por (Newton, Duda, & Yin, 2000), com o intuito de obter um instrumento da metodologia quantitativa que permite-se a análise do clima motivacional no contexto de prática desportiva, e conseqüentemente, a possibilidade de intervenção. Apesar de este instrumento ainda não se encontrar traduzido e validado para a população Portuguesa, será interessante que futuros estudos analisem o clima motivacional promovido em contexto de prática e os seus efeitos no desenvolvimento do jovem indivíduo.

No entanto, os efeitos da época são mais preocupantes para os atletas do clube profissional, visto que são os que apresentam valores mais baixos de Esforço exercido. Tal situação leva-nos a sugerir que o tempo despendido para a prática de futebol em níveis competitivos nacionais pode levar a uma diminuição da percepção do esforço. Isto pode ser influenciado pelos resultados desportivos alcançados, podendo ser positivos ou negativos, considerando-se a ideia de que não é necessário maior esforço e empenho para melhorar as suas competências e capacidades atléticas. Os atletas ao sentirem que já não conseguem alcançar a vitória do campeonato ou que já alcançaram a posição classificativa que pretendiam pode afectar a percepção de esforço. Considerando que os atletas de futebol são os que investem mais num só desporto, dedicando-se na sua maioria apenas à prática desta modalidade, coloca-se a questão do que acontecerá se estes atletas abandonarem esta modalidade (Ministère de La Jeunesse, 2004).

CONCLUSÃO

Resumindo, o presente estudo providenciou evidências de que existem influências contextuais, provenientes do contexto de prática desportiva (clube) em alguns factores dos

constructos Activos de desenvolvimento, Fontes de Satisfação e Atitudes desportivas dos jovens atletas de futebol dos clubes analisados.

Os atletas do clube profissional apresentam valores inferiores nas Fontes de Satisfação e Atitudes positivas no desporto do que os atletas dos clubes amadores, demonstrando uma situação de desvantagem de desenvolvimento individual deste contexto apesar do seu grau de especialização e profissionalização.

Os treinadores e dirigentes devem reforçar e promover valores e atitudes positivas dos atletas, devendo ter a noção do tipo de ambiente que promovem, o qual deve ser orientado para a tarefa, e quais os seus comportamentos, que deverão ser pró-sociais e positivos.

Isto reforça a discussão sobre o detrimento do recurso a modelos de competição mais orientados para a performance em comparação com modelos de competição educacionais ou recreacionais.

CAPÍTULO 5

CONCLUSÕES GERAIS E SUGESTÕES PARA O FUTURO

A investigação no desporto infantojuvenil, perspectivando-se este como um meio promotor de competências pró-sociais e positivas, é importante para melhorar as vivências dos indivíduos no contexto desportivo através do desenvolvimento de melhores práticas e de formação e conhecimento específico sobre a matéria. A investigação baseada nas teorias do desenvolvimento humano mais recentes, com destaque para a teoria bioecológica de Bronfenbrenner (1999), demonstra um enorme potencial para as Ciências do Desporto.

As especificidades dos diferentes contextos, o tipo de clube e a densidade demográfica, contribuem para as diferenças nas vivências desportivas e oportunidades para o desenvolvimento positivo. Apesar do clube profissional aparentar maiores oportunidades para o desenvolvimento atlético, este revela-se como contexto de desvantagem na promoção de Atitudes desportivas, Activos de desenvolvimento e Satisfação. Crê-se que tal se deva à cultura organizacional desses clubes, maioritariamente orientada para finalidades de desempenho desportivo. As agendas políticas neoliberalistas orientadas para a promoção da inclusão social e para a construção de um capital social positivo em comunidades em desvantagem, devem ter atenção às estratégias, aos parceiros, às infraestruturas, ao desenvolvimento social/comunitário, e à avaliação, monitorização e sustentabilidade (Skinner, Zakus, & Cowell, 2008).

Os clubes amadores revelam-se no presente estudo como principais contribuidores de experiências positivas e de atitudes pró-sociais dos atletas (e.g., convenção), reforçando a sua importância no desenvolvimento do jovem indivíduo e da sua comunidade. Por essa razão, as entidades governamentais locais e nacionais, devem prestar mais atenção ao funcionamento e necessidades deste tipo de clubes, potenciando o trabalho em rede no sentido de desenvolver políticas de educação pelo desporto e desenvolvimento social.

A participação no decorrer de uma época desportiva no futebol jovem produz efeitos negativos nas atitudes desportivas pro-sociais e aumenta os índices de batota dos atletas. No entanto, não se verificam variações de acordo com os contextos, podendo isto reflectir uma cultura própria dos jogadores de futebol. O facto de o futebol ser uma modalidade de contacto e a sua maior aceitação de comportamentos antissociais, leva-nos a crer que a aquisição destes valores pode ser comparado com os crimes de colarinho branco. Este tipo de crimes

resulta de se ultrapassarem as conformidades das normas competitivas nos negócios (ética e moralidade), pelo que é improvável que resultam de identidades desviantes ou do isolamento social da sociedade (Kreager, 2007) mas sim, de uma cultura organizacional específica, desviante da norma global, mas aceite entre os pares como norma.

As equipas podem desenvolver capacidades para evitar atitudes desportivas negativas, recorrendo a estratégias como: a) discussão de grupo sobre a temática, b) exercícios em que o treinador faz o papel de árbitro com más decisões, c) exercícios em que alguns atletas adoptam maus comportamentos ou atitudes de batota.

No decorrer das competições os treinadores e atletas podem responder às situações de descompetição (e.g., batota e antidesportivismo) através de três princípios:

- 1) Limitar a sua vulnerabilidade (não ser uma vítima) – abandonar o jogo, responder com força e argumentos, ignorar o comportamento do adversário, alertar os árbitros calmamente, responder com força física legal e com limites;
- 2) Diminuir ou desagravar a situação;
- 3) Aproveitar para tirar vantagem da oportunidade (e.g., perca de concentração do adversário).

O papel dos treinadores no processo de treino e de competição deve ser orientado para o desenvolvimento positivo do indivíduo, das suas competências sociais, através da promoção de um clima motivacional orientado para a tarefa. Os treinadores para alcançarem o sucesso, não só desportivo mas também da contribuição para o desenvolvimento do jovem indivíduo, têm que ser capazes de alcançar as necessidades dos atletas no contexto desportivo (Côté et al., 2007).

Limitações

As teorias ecológicas do desenvolvimento humano, como é o caso da teoria biopsicossocial de Bronfenbrenner (1999), permitem um abrangente número de factores. No entanto, por razões temporais e logísticas inerentes à investigação e à sua planificação, teve-se que ponderar as metodologias a utilizar e teve-se que restringir o número de variáveis a observar e os instrumentos psicométricos a utilizar.

A análise das organizações desportivas com recurso à metodologia qualitativa, numa primeira fase, colocou-nos restrições temporais e de recursos para a generalização dos

resultados relativamente às influências destes tipos de contextos, principalmente, do clube profissional, nos Activos de desenvolvimentos, nas Fontes de Satisfação e nas Atitudes desportivas.

Sugestões para futuros estudos

No decorrer do trabalho contribuiu-se com algumas sugestões para investigações futuras, ficando nesta parte um reforço destas. As teorias ecológicas de desenvolvimento potenciam a produção de novo conhecimento na área das Ciências do Desporto. A pesquisa das Atitudes, das Fontes de Satisfação no desporto e de Activos de desenvolvimento encaixam-se na linha de interesses da investigação científica e da prática desportiva.

Devido às especificidades dos três clubes analisados, dever-se-á tentar replicar este estudo com outros clubes, e respectivos atletas, provenientes de outras regiões e com diferentes níveis de competição e finalidades (p.e., desporto escolar, capital do país). Visto que os atletas têm mais contacto com os treinadores e que as características destes (e.g., formação, cultura desportiva, finalidades enquanto treinador) podem influenciar o desenvolvimento dos atletas, será interessante obter a percepção do treinador sobre a cultura organizacional do clube.

Uma vez que os meios de comunicação são fontes de influência cultural e os quais permitem uma ampla discussão à volta das arbitragens e determinadas atitudes no contexto desportivo, dever-se-á estudar as influências dos meios de comunicação na promoção de valores e atitudes no futebol Português. Outros estudos averiguaram as relações do clima motivacional e comportamentos dos treinadores com valores e atitudes pró-sociais no desporto, porém tal não foi o caso do presente estudo, pelo que futuros estudos devem analisar esta relação.

A presente investigação recorreu à percepção dos atletas para responder aos instrumentos psicométricos com o intuito de avaliar os Activos de desenvolvimento, as Fontes de Satisfação e as Atitudes desportivas. Porém, tal medida está sujeita a um bias, principalmente quando nos referimos a atitudes, visto que os atletas podem não percepcionar alguns comportamentos como negativos. Neste sentido, futuramente deve-se observar e analisar os comportamentos reais e percepcionados dos atletas. Visto que os modelos utilizados nas análises multilevel ainda demonstra variância inexplicada há que explorar os efeitos de outras variáveis, como por exemplo, estatuto socioeconómico, relação vitórias-

derrotas, tempo de jogo, nos Activos de desenvolvimento, nas Fontes de Satisfação e Atitudes desportivas.

Além do mais, a investigação da prática desportiva por jovens atletas deve tender para estudos de intervenção, com atletas e treinadores, familiares e dirigentes, através de programas de formação e promoção de comportamentos e atitudes pró-sociais e positivas. Uma das potencialidades da actualidade para o Desporto é o desenvolvimento de comunidades de prática, as quais designam um grupo de pessoas unidas em torno do mesmo interesse, desenvolvimento desportivo e individual do jovem atleta. Este grupo deve incluir treinadores e investigadores, com o intuito de trabalharem juntas para achar meios de melhorar o que fazem, ou seja, na resolução de um problema do clube, da sociedade ou na aprendizagem diária. Isto permitirá uma da interação regular entre a prática e a investigação nas Ciências do Desporto. Se é uma intenção que o desporto potencie o desenvolvimento positivo do jovem atleta é necessário que nos asseguremos que esta finalidade se reflecta nos treinos e nas competições, isto é, no contexto de prática onde o jovem indivíduo está inserido.

REFERÊNCIAS

- Abbott, G. N., White, F. A., & Charles, M. A. (2005). Linking values and organizational commitment: A correlational and experimental investigation in two organizations. *Journal of Occupational and Organizational Psychology, 78*(4), 531–551. doi:10.1348/096317905X26174
- Ames, C. (1992). Achievement goals, motivational climate, and motivational processes. In G. C. Roberts (Ed.), *Motivation in sport and exercise* (pp. 161–176). Champaign, Illinois: Human Kinetics.
- Araújo, D., & Davids, K. (2009). Ecological approaches to cognition and action in sport and exercise: Ask not only what you do, but where you do it. *International Journal fo Sports Physiology and Performance, 40*(1), 5–37.
- Bandura, A. (1977). *Social learning*. New Jersey: Prentice-Hall.
- Batterham, A. M., & Hopkins, W. G. (2006). Making meaningful inferences about magnitudes. *International Journal of Sports Physiology & Performance, 1*(1), 50–57.
- Beaton, A. a., Funk, D. C., Ridinger, L., & Jordan, J. (2011). Sport involvement: A conceptual and empirical analysis. *Sport Management Review, 14*(2), 126–140. doi:10.1016/j.smr.2010.07.002
- Bengoechea, E. G., & Johnson, G. M. (2001). Ecological systems theory and children's development in sport: Toward a process-person-context-time research paradigm. *Avante, 7*(1), 20–31.
- Benson, P. L. (2002). Adolescent development in social and community context: a program of research. *New directions for youth development, 95*(95), 123–47. doi:10.1002/yd.19
- Boixadós, M., Cruz, J., Torregrosa, M., & Valiente, L. (2004). Relationships Among Motivational Climate, Satisfaction, Perceived Ability, and Fair Play Attitudes in Young Soccer Players. *Journal of Applied Sport Psychology, 16*(4), 301–317. doi:10.1080/10413200490517977
- Boyd, M. P., & Yin, Z. (1996). Cognitive-affective sources of sport enjoyment in adolescent sport participants. *Adolescence, 31*(122), 383–395. Retrieved from <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/8726897>
- Braithwaite, R., Spray, C. M., & Warburton, V. E. (2011). Motivational climate interventions in physical education: A meta-analysis. *Psychology of Sport and Exercise, 12*(6), 628–638. doi:10.1016/j.psychsport.2011.06.005
- Bredemeier, B. (1999). Youth sport as a moral community. In Malina (Ed.), *Proceedings of the congress Youth Sports in the 21st Century: Organized sport in the Lives of Children and Adolescents* (pp. 16–17). East Lansing: The Institute for the Study of Youth Sports at Michigan State University.
- Bredemeier, B., & Shields, D. (1986). Game reasoning and interactional morality. *Journal of Genetic psychology, 147*, 257–275.

- Brettschneider, W. D. (2001). Effects of sport club activities on adolescent development in Germany. *European Journal of Sport Science*, 1(2), 1–11.
- Bronfenbrenner, U, & Ceci, S. J. (1994). Nature-nurture reconceptualized in developmental perspective: a bioecological model. *Psychological review*, 101(4), 568–86. Retrieved from <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/7984707>
- Bronfenbrenner, Urie. (1999). *Environments in developmental perspective: theoretical and operational models*. (& T. D. W. S.L. Friedman, Ed.). Washington, DC,: American Psychological Association.
- Brustrad, R., & Partridge, J. (2002). Parental and Peer Influence on Children’s Psychosocial Development through Sport. In F. L. Smoll & R. Smith (Eds.), *Children and Youth in Sport: a Biopsychosocial Perspective* (pp. 187–210). Dubuque: Kendall/Hunt.
- Burns, G. N., Jasinski, D., Dunn, S. C., & Fletcher, D. (2012). Athlete identity and athlete satisfaction: The nonconformity of exclusivity. *Personality and Individual Differences*, 52(3), 280–284. doi:10.1016/j.paid.2011.10.020
- Carlos E., M. J. G., & Coelho e Silva. (2004). Contemporary trends and issues in Youth Sport in Portugal. In M. Coelho e Silva & R. M. Malina (Eds.), *Children and Youth in Organized Sports, Coimbra* (pp. 15–30). Coimbra, Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Cashmore, E. (2005). *Making sense of sports* (4th ed.). Oxon: Routledge.
- Cecchini, J. a., Montero, J., Alonso, A., Izquierdo, M., & Contreras, O. (2007). Effects of personal and social responsibility on fair play in sports and self-control in school-aged youths. *European Journal of Sport Science*, 7(4), 203–211. doi:10.1080/17461390701718497
- Cervelló, E. M., Escartí, A., & Guzmán, J. F. (2007). Youth sport dropout from the achievement goal theory. *Psicothema*, 19(1), 65–71. Retrieved from <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/17295985>
- Coakley, J. J. (1992). Burnout among adolescent athletes: A personal failure or social problem? *Sociology of Sport Journal*, 9(3), 271–285.
- Coatsworth, J. D., & Conroy, D. E. (2006). Enhancing the self-esteem of youth swimmers through coach training: Gender and age effects. *Psychology of Sport and Exercise*, 7(2), 173–192. doi:10.1016/j.psychsport.2005.08.005
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2nd ed.). New Jersey: Lawrence Erlbaum.
- Côté, J., Young, B., North, J., & Duffy, P. (2007). A Definition of Excellence in Sport Coaching. *International Journal of Coaching Science*, 1(1), 3–17.
- Cuskelly, G. (2004). Volunteer retention in community sport organisations. *European Sport Management Quarterly*, 4(2), 59–76. doi:10.1080/16184740408737469
- Daud, R., & Carruthers, C. (2008). Outcome Study of an After-School Program for Youth in a High-Risk Environment. *Journal of Park and Recreation Administration*, 26(2), 95–114.

- Deci, E. L., & Ryan, R. M. (1985). *Intrinsic Motivation and Self-Determination in Human Behavior*. New York; USA: New York: Plenum Press.
- Doherty, A. (2006). Sport Volunteerism: An Introduction to the Special Issue. *Sport Management Review*, 9(2), 105–109. doi:10.1016/S1441-3523(06)70021-3
- Douglas Coatsworth, J., & Conroy, D. E. (2006). Enhancing the self-esteem of youth swimmers through coach training: Gender and age effects. *Psychology of Sport and Exercise*, 7(2), 173–192. doi:10.1016/j.psychsport.2005.08.005
- Enjolras, B. (2002). The Commercialization of Voluntary Sport Organizations in Norway. *Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly*, 31(3), 352–376. doi:10.1177/0899764002313003
- Estatística, I. N. de. (2011). Praticantes inscritos (N.º) em federações desportivas por Modalidades desportivas; Anual. Retrieved June 20, 2013, from http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0001122&contexto=bd&selTab=tab2
- European Commission. (2007). *White Paper on Sport*. European Commission. Retrieved from http://ec.europa.eu/sport/white-paper/whitepaper8_en.htm#2_4
- Fairclough, S. (2003). Physical Activity, Perceived Competence and Enjoyment During High School Physical Education. *European Journal of Physical Education*, 8(1), 5–18. doi:10.1080/1740898030080102
- Ferreira, A., & Martinez, L. (2008). *Manual de Diagnóstico e Mudança Organizacional*. Lisboa: Editora RH.
- Flick, U. (2002). *Métodos Qualitativos na Investigação Científica* (1st ed.). Lisboa: Monitor - Projectos e Edições, Lda.
- Fraser-Thomas, J., & Côté, J. (2009). Understanding Adolescents' Positive and Negative Developmental Experiences in Sport. *The Sport Psychologist*, 23(1), 3–23.
- Fraser-Thomas, J., Côté, J., & MacDonald, D. J. (2010). Community Size in Youth Sport Settings: Examining Developmental Assets and Sport Withdrawal. *PHENex Journal*, 2, 1–9.
- Fraser-Thomas, J. L., Côté, J., & Deakin, J. (2005). Youth sport programs: an avenue to foster positive youth development. *Physical Education and Sport Pedagogy*, 10(1), 19–40. doi:10.1080/1740898042000334890
- Gaskin, K. (2008). *A Winning Team? The impacts of volunteers in sport*. Retrieved from http://sportetcitoyennete.com/revues/septembre2009/a_winning_team.pdf
- Gómez, S., Opazo, M., & Martí, C. (2007). Structural characteristics of sport organizations: main trends in the academic discussion. Madrid, Espanha. Retrieved from http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1116226

- Gonçalves, C. (1998). O espírito desportivo e o processo de formação do jovem praticante. In *Desporto de Alta Competição: Que Fair-Play? Câmara Municipal de Oeiras; Livros Horizonte*.
- Gonçalves, C. E., Coelho e Silva, M. J., Chatzisarantis, N., Lee, M. J., & Cruz, J. (2006). Tradução e validação do SAQ (Sports Attitudes Questionnaire) para jovens praticantes desportivos portugueses com idades entre os 13 e os 16 anos. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 6(1), 38–49.
- Gonçalves, Carlos E., Coelho e Silva, M. J., & Cruz, J. (2007). Efeito do Género, Contexto de Prática e Tipo de Modalidade Desportiva sobre os Valores no Desporto de Jovens. *Boletim SPEF*, 32(1), 71–86.
- Gonçalves, Carlos E., Coelho e Silva, M. J., Cruz, J., Torregrosa, M., & Cumming, S. P. (2010). The effect of achievement goals on moral attitudes in young athletes. *Journal of Sports Science and Medicine*, 9, 605–611.
- Goodger, K., Gorely, T., Lavalley, D., & Harwood, C. (2007). Burnout in Sport: A Systematic Review. *The Sport Psychologist*, 21(1), 127–151.
- Gould, D., Medbery, R., & Tuffey, S. (2001). Fun and non fun factors affecting fun in age group swimming. *Journal of Swimming Research*, 15, 1–11.
- Harvey, S., Kirk, D., & O'Donovan, T. M. (2011). Sport Education as a pedagogical application for ethical development in physical education and youth sport. *Sport, Education and Society*, 1(May 2013), 1–22. doi:10.1080/13573322.2011.624594
- Heinila, K. (1989). The Sports Club as a Social Organization in Finland. *International Review for the Sociology of Sport*, 24(3), 225–248. doi:10.1177/101269028902400304
- Holt. (2008). *Positive youth development through sport*. New York; USA: Routledge.
- Holt, N. L., Kingsley, B. C., Tink, L. N., & Scherer, J. (2011). Benefits and Challenges Associated With Sport Participation by Children And Parents From Low-Income Families. *Psychology of Sport and Exercise*, 12(5), 490–499. doi:10.1016/j.psychsport.2011.05.007
- Horch, H. D. (1989). Sociological Research on Sports Organizations in the Federal Republic of Germany: An Overview. *International Review for the Sociology of Sport*, 24(3), 201–216. doi:10.1177/101269028902400302
- Institute, S. (2005). *Developmental Assets Profile User Manual*. Minneapolis, MN: Search Institute.
- Kavussanu, M., Stanger, N., & Boardley, I. D. (2013). The Prosocial and Antisocial Behaviour in Sport Scale: Further evidence for construct validity and reliability. *Journal of sports sciences*, (May), 37–41. doi:10.1080/02640414.2013.775473
- Kimiecik, J. C., & Harris, A. T. (1996). What is Enjoyment? A conceptual/definitional analysis with implications for sport and exercise psychology. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 18(3), 247–263.

- Kimiecik, J. C., & Horn, T. S. (2012). Examining the relationship between family context and children's physical activity beliefs: The role of parenting style. *Psychology of Sport and Exercise*, 13(1), 10–18. doi:10.1016/j.psychsport.2011.08.004
- Kohlberg, L. (1984). *Essays on moral development* (Vol. 2: Th.). San Francisco: Harper & Row.
- Kreager, D. A. (2007). Unnecessary Roughness? School Sports, Peer Networks, and Male Adolescent Violence. *American Sociological Review*, 72(5), 705–724. doi:10.1177/000312240707200503
- Krebs, R. J., Santos, J. O., Helena, M., Nazario, P. F., Nobre, G. C., & Almeida, R. T. (2011). Disposição de adolescentes para a prática de esportes: um estudo orientado pela Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner. *Motriz. Revista de Educação Física*, 17(1), 195–201. doi:10.5016/1980-6574.2011v17n1p195
- Lee, M. J. (1996). *Young people, sport and ethics: an examination of fair play in youth sport*. Londres.
- Lima, J. C. N., & Marcolino, P. J. C. (2012). *Manual Plano Nacional de Ética no Desporto*. Lisboa: Instituto Português dp Desporto e Juventude, IP.
- Lorente, F. O., Peretti-Watel, P., & Grelot, L. (2005). Cannabis use to enhance sportive and non-sportive performances among French sport students. *Addictive behaviors*, 30(7), 1382–91. doi:10.1016/j.addbeh.2005.01.019
- MacDonald, D. J., Cheung, M., Côté, J., & Abernethy, B. (2009). Place but not Date of Birth Influences the Development and Emergence of Athletic Talent in American Football. *Journal of Applied Sport Psychology*, 21(1), 80–90. doi:10.1080/10413200802541868
- Mageau, G. a, & Vallerand, R. J. (2003). The coach-athlete relationship: a motivational model. *Journal of Sports Sciences*, 21(11), 883–904. doi:10.1080/0264041031000140374
- Miller, B. W., Roberts, G. C., & Ommundsen, Y. (2004). Effect of motivational climate on sportpersonship among competitive youth male and female football players. *Scandinavian journal of medicine & science in sports*, 14, 193–202. doi:10.1046/j.1600-0838.2003.00320.x
- Ministère de La Jeunesse, des S. et de la V. associative et I. (2004). *Les adolescentes et le Sport*. Ministère de La Jeunesse, des Sports et de la Vie associative et INSEP.
- Mintzberg, H. (1995). *Estrutura e dinâmica das organizações*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Molinero, O., Salguero, A., Concepción, T., Alvarez, E., & Márquez, S. (2006). Dropout Reasons in Young Spanish Athletes: Relationship to Gender, Type of Sport and Level of Competition. *Journal of Sport Behavior*, 29(3), 255–269.
- Movsessian, T. (1993). *The Sport Commitment Model*, (1983).
- Murcia, J. A. M., Blanco, M. L. de S. R., Galindo, C. M., Villodre, N. A., & Coll, D. G.-C. (2007). Effects of the gender, the age and the practice frequency in the motivation and the

enjoyment of the physical exercise. *Fitness & Performance Journal*, 6(3), 140–146.
doi:10.3900/fpj.6.3.140.e

Newton, M., Duda, J. L., & Yin, Z. (2000). Examination of the psychometric properties of the perceived motivational climate in sport questionnaire-2 in a sample of female athletes. *Journal of Sport Sciences*, 18, 275–290.

Nichols, G., & James, M. (2008). One size does not fit all: implications of sports club diversity for their effectiveness as a policy tool and for government support. *Managing Leisure*, 13(2), 104–114. doi:10.1080/13606710801933461

O'Brien, K. S., Kolt, G. S., Martens, M. P., Ruffman, T., Miller, P. G., & Lynott, D. (2012). Alcohol-related aggression and antisocial behaviour in sportspeople/athletes. *Journal of science and medicine in sport / Sports Medicine Australia*, 15(4), 292–297.
doi:10.1016/j.jsams.2011.10.008

Olusoga, P., Butt, J., Hays, K., & Maynard, I. (2009). Stress in Elite Sports Coaching: Identifying Stressors. *Journal of Applied Sport Psychology*, 21(4), 442–459.
doi:10.1080/10413200903222921

Papadimitriou, D. (2002). Amateur structures and their effect on performance: the case of Greek voluntary sports clubs. *Managing Leisure*, 7(1), 205–219.

Perkins, D. F., & Menestrel, S. L. (2007). Editors' Notes. *New directions for youth development*, 4(115), 1–4. doi:10.1002/yd

Petitpas, A. J., Corneliues, A., & Van Raalte, J. (2008). Youth Development through Sport: It's all about relationships. In N. L. Holt (Ed.), *Positive Youth Development Through Sport2* (pp. 61–70). New York; USA: Routledge.

Petróczi, A. (2007). Substance Abuse Treatment, Prevention, and Policy Attitudes and doping: a structural equation analysis of the relationship between athletes' attitudes, sport orientation and doping behaviour. *Substance Abuse Treatment, Prevention, and Policy*, 15(1), 2–34. doi:10.1186/1747-597X-2-Received

Price, R. (2000). The ethics of safe practice in rural sport. *Journal of Science and Medicine in Sport*, 3(1, Supp. 1), 45–50. doi:http://dx.doi.org/10.1016/S1440-2440(00)80068-7,

Primack, B. A., Fertman, C. I., Rice, K. R., Adachi-Mejia, A. M., & Fine, M. J. (2010). Waterpipe and cigarette smoking among college athletes in the United States. *The Journal of adolescent health : official publication of the Society for Adolescent Medicine*, 46(1), 45–51. doi:10.1016/j.jadohealth.2009.05.004

Proios, M. (2013). Athletic Identity and Social Goal Orientations as Predictors of Moral Orientation. *Ethics & Behavior*, (May), 130414133920008.
doi:10.1080/10508422.2013.791622

Rocha, C. M., & Turner, B. A. (2008). Organizational Effectiveness of Athletic Departments and Coaches' Extra- Role Behaviors. *Journal of Issues in Intercollegiate Athletics*, 1(1), 124–144.

- Sandford, R. a., Duncombe, R., & Armour, K. M. (2008). The role of physical activity/sport in tackling youth disaffection and anti-social behaviour. *Educational Review*, 60(4), 419–435. doi:10.1080/00131910802393464
- Santos, A. J., & Gonçalves, C. E. (2012). Tradução do sources of enjoyment in youth sport questionnaire e do developmental assets profile para jovens atletas portugueses. *Annals of Research In Sport and Physical Activity*, 1(1), 11–36. Retrieved from <http://www.uc.pt/fcdef/Internacionalizacao/Revista2>
- Santos, Artur J., & Gonçalves, C. E. (2012). Tradução do Sources of Enjoyment in Youth Sport Questionnaire e do Developmental Assets Profile para Jovens Atletas Portugueses. *Annals of Research In Sport and Physical Activity*, 3, 11–36.
- Scales, P. C., Benson, P. L., Roehlkepartain, E. C., Sesma, A., & van Dulmen, M. (2006). The role of developmental assets in predicting academic achievement: A longitudinal study. *Journal of adolescence*, 29(5), 691–708. doi:10.1016/j.adolescence.2005.09.001
- Scanlan, T K, & Lewthwaite, R. (1986). Social psychological aspects of competition for male youth sport participants: IV. Predictors of enjoyment. *Journal of Sport Psychology*, 8(1), 25–35.
- Scanlan, Tara K, Carpenter, P. J., Lobel, M., & Simons, J. P. (1993). Sources of enjoyment for youth sport athletes. *Pediatric Exercise Science*, 5(3), 275–285.
- Scanlan, Tara K, Simons, J. P., Carpenter, P. J., Schmidt, G. W., & Keeler, B. (1993). The Sport Commitment Model: Measurement Development for the Youth-Sport Domain. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 15, 16–38.
- Seippel, O. (2006). Sport and Social Capital. *Acta Sociologica*, 49(2), 169–183. doi:10.1177/0001699306064771
- Shields, D., & Bredemeier, B. (2007). *Advances in sport morality research*. (G. Tenenbaum & R. C. Eklund, Eds.) (3rd ed.). Hoboken, NJ: John Wiley & Sons.
- Shields, D. L., Bredemeier, B., & Power, F. (2002). Character development and children's sport. In F. L. Smoll & R. Smith (Eds.), *Children and Youth in Sport: a Biopsychosocial Perspective2* (pp. 537–563). Dubuque: Kendall/Hunt.
- Skille, E. a. (2008). Understanding Sport Clubs as Sport Policy Implementers: A Theoretical Framework for the Analysis of the Implementation of Central Sport Policy through Local and Voluntary Sport Organizations. *International Review for the Sociology of Sport*, 43(2), 181–200. doi:10.1177/1012690208096035
- Skinner, J., Zakus, D. H., & Cowell, J. (2008). Development through Sport: Building Social Capital in Disadvantaged Communities. *Sport Management Review*, 11(3), 253–275. doi:10.1016/S1441-3523(08)70112-8
- Slack, T. (1997). *Understanding Sport Organizations: The application of Organization Theory*. (Slac, Ed.). Champaign, Illinois: Human Kinetics.

- Smith, A. C. T., Stewart, B., Oliver-Bennetts, S., McDonald, S., Ingerson, L., Anderson, A., ... Graetz, F. (2010). Contextual influences and athlete attitudes to drugs in sport. *Sport Management Review*, 13(3), 181–197. doi:10.1016/j.smr.2010.01.008
- Smith, A. L., Gustafsson, H., & Hassmén, P. (2010). Peer motivational climate and burnout perceptions of adolescent athletes. *Psychology of Sport and Exercise*, 11(6), 453–460. doi:10.1016/j.psychsport.2010.05.007
- Smith, R. E., Smoll, F. L., & Cumming, S. P. (2007). Effects of a Motivational Climate Intervention for Coaches on Young Athletes' Sport Performance Anxiety. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 29(1), 39–59.
- Sports England. (2003). *Sports volunteering in England: A report for Sport England 2002*. Sheffield.
- Statistics, A. B. of. (2012). *Sports and Physical Recreation: A Statistical Overview*. Sydney: Australian Bureau of Statistics.
- Stephens, D. E., Bredemeier, B. J., & Shields, D. L. (1997). Construction of a measure designed to assess players' descriptions and prescriptions for moral behavior in youth sport soccer. *International Journal of Sport Psychology*, 28, 370–390.
- Stephens, Dawn E. (2000). Predictors of likelihood to aggress in youth soccer: an examination of coed and all-girls teams. *Journal of Sport Behavior*, 23, 311–325.
- Stephenson, B., & Jowett, S. (2009). Factors that Influence the Development of English Youth Soccer Coaches. *International Journal of Coaching Science*, 3(1), 3–16.
- Strachan, L. (2008). *An Ecological Approach to Examining Positive Youth Development in Competitive Youth Sport*.
- Strachan, L., Côté, J., & Deakin, J. (2009). "Specializers" Versus "Samplers" in Youth Sport: Comparing Experiences and Outcomes. *The Sport Psychologist*, 23(1), 77–92.
- Thibault, L., Slack, T., & Hinings, B. (1991). Professionalism, Structures and Systems: The Impact of Professional Staff on Voluntary Sport Organizations. *International Review for the Sociology of Sport*, 26(2), 83–98. doi:10.1177/101269029102600202
- Thiel, A., & Mayer, J. (2009). Characteristics of Voluntary Sports Clubs Management: a Sociological Perspective. *European Sport Management Quarterly*, 9(1), 81–98. doi:10.1080/16184740802461744
- Vail, S. E. (2007). Community Development and Sport Participation. *Journal of Sport Management*, 21(1), 571–596.
- Vallerand, R., Briere, N., Blanchard, C., Provencher, P. (1997). Development and validation of the multidimensional sportspersonship orientations scale. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 19(1), 197–206.

- Walling, M. D., Duda, J. L., & Chi, L. (1993). The Perceived Motivational Climate in Sport Questionnaire: Construct and Predictive Validity. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, *15*, 172–183.
- Weigand, D., Carr, S., Petherick, C., & Taylor, A. (2001). Motivational climate in sport and physical education: The role of significant others. *European Journal of Sport Science*, *1*(4), 1–13. doi:10.1080/17461390100071402
- Wells, M. S. ., & Arthur-Banning, S. G. (2008). The Logic of Youth Development: Constructing a Logic Model of Youth Development through Sport. *Journal of Park and Recreation Administration*, *26*(2), 189–202.
- Wiersma, L. D. (2001). Conceptualization and Development of the Sources of Enjoyment in Youth Sport Questionnaire. *Measurement in Physical Education and Exercise Science*, *5*(3), 153–177. doi:10.1207/S15327841MP EE0503